



[R]EXISTÊNCIA

POPULAÇÃO LGBTQIA+ NO ESPAÇO
PÚBLICO DE ARACAJU/SE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

MATHEUS MEIRA REBOUÇAS SILVA

**[R] EXISTÊNCIA: POPULAÇÃO LGBTQIA+ NO
ESPAÇO PÚBLICO DE ARACAJU/SE.**

Laranjeiras
2021

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO**

**[R] EXISTÊNCIA: POPULAÇÃO LGBTQIA+ NO
ESPAÇO PÚBLICO DE ARACAJU/SE.**

MATHEUS MEIRA REBOUÇAS SILVA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cecília Pereira Tavares.

Laranjeiras
2021

DEDICATÓRIA

Esse trabalho não foi construído apenas por mim, pois é parte de muitas outras pessoas que nunca vou conhecer, porém sei que sem elas não poderia estar aqui hoje. Senti a necessidade de explorar o tema por não me sentir seguro em um local que, em teoria, é de todos: a cidade.

É uma temática fácil? Não, não é. Mas também não é fácil ser LGBTQIA+. É cansativo ter que lutar pelos nossos direitos todos os dias, conviver com o medo de apenas estar em um local público e pensar muito antes de demonstrar afeto a quem se ama.

Dói cada lâmpada que atinge casais LGBTQIA+, cada soco e cada pontapé que atinge um de nós, dói quando dizem que os pedidos por justiça são “mimimi”, dói pensar em cada criança LGBTQIA+ que desde cedo aprende a se esconder. Dói saber de cada notícia de violência policial, onde quase nunca há punição. Dói cada morte de um dos nossos, porque eu posso ser o próximo.

Por isso dedico esse trabalho a todos os LGBTQIA+ que lutaram e deram suas vidas para que todos possamos ser quem somos hoje em dia, como também possibilitando que esse trabalho possa existir, mesmo com todas as dificuldades iremos resistir.

AGRADECIMENTO

O caminho para chegar até aqui foi longo e não foi fácil, durante esse processo muitas pessoas contribuíram para a minha formação pessoal e profissional, e com certeza esse trabalho só foi possível com a participação de cada um nesse caminho.

Primeiramente agradeço a minha mãe, Darineide, e minha tia, Tereza, por estarem do meu lado dando total apoio nesses cinco anos de graduação e principalmente na realização deste trabalho. Mesmo com todas as dificuldades no caminho dessa pesquisa nunca desistiram de mim e me fizeram crer que eu conseguiria. Vocês são os maiores exemplos que tenho na vida. Obrigado a toda minha família.

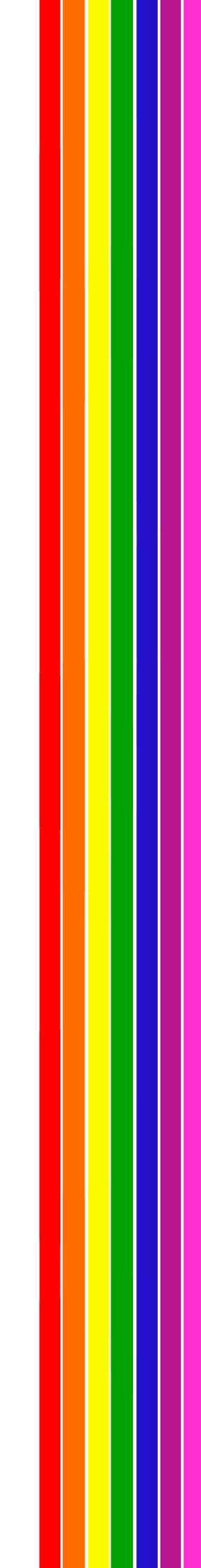
Tenho muito a agradecer também a todos os meus amigos que estiveram presentes nesses anos e que tornaram essa jornada especial, com certeza sem vocês seria muito difícil. Em especial a Levy por todo o apoio e ajuda sempre, uma pessoa fundamental na minha vida. A Antônio por todo o apoio e ensinamento essencial para a finalização deste trabalho.

Agradeço aos amigos fora da arquitetura por todo apoio e aguentarem minhas reclamações, em especial a Grazi, Rafa e Raufe. Aos meus guerreiros de curso, Ayana, Junior, Camila, Hanita, Victor, Dhones e Bia, por todas as risadas, por aguentarem as reclamações e todo o suporte durante esses anos. Foram grandes presentes que ganhei nesse curso, sem vocês essa trajetória não seria possível.

A toda a equipe do Gaymado Aju, Levy, Antônio, Felipe, Marcos, Lucas e Vitor, obrigado por estarem comigo na construção desse evento tão especial e assim também me ajudarem nesse trabalho, vocês são incríveis.

A minha orientadora, pela paciência e dedicação ao longo dessa caminhada para a realização desse trabalho e incentivando a minha pesquisa.

Cada letra desse trabalho tem um pouco de cada um de vocês, obrigado por tudo!



**“Temos que fazer isso porque não podemos mais ficar invisíveis. Não devemos ter vergonha de quem somos. Temos que mostrar ao mundo que somos numerosos. Existem muitos de nós lá fora.”
(Sylvia Rivera)**

RESUMO

Existe um discurso que os espaços públicos são de todos, tornando assim a cidade democrática e igualitária, mas o planejamento e as características da sociedade levam a um espaço excludente com a população LGBTQIA+. Quando a cidade é projetada para ser ocupada por um sujeito universal: homem, branco, heterossexual, com plenas condições físicas e financeiras, isso faz com que o ambiente urbano traga experiências diferentes para os grupos que não se enquadram nesses padrões, principalmente no país onde mais ocorrem crimes contra a população LGBTQIA+. O presente trabalho tem como tema a ocupação do espaço público por essa população e suas implicações no direito e vivência da cidade com foco na cidade de Aracaju/SE. Já que é notória a luta dos grupos sociais minoritários pelo direito à cidade, respeito e contra a proibição formal ou informal da utilização dos espaços públicos. Passando desde a teorização de como a cidade excludente está sendo produzida, negando assim a vivência plena da cidade, e o histórico de luta da população LGBTQIA+ para criar uma cidade mais democrática. O estudo tem como objetivo analisar a ocupação que a população LGBTQIA+ faz dos espaços públicos de Aracaju/SE. Utilizando o método da pesquisa etnográfica para o estudo dessa comunidade e sua relação com os espaços públicos, através de questionários feito por meio da plataforma Google Formulários, observação participativa do autor e análise de fotos e outras mídias. Percebendo assim que a forma de manifestação e ocupação proposta pelo Gaymado Aju tem como base a apropriação do espaço público como forma de resistência e afirmação do direito à cidade, de uma forma alegre, divertida e pacífica, criando um espaço de integração e inserção da população LGBTQIA+ na cidade de Aracaju/SE. A presença desses corpos na cidade é um elemento fundamental na construção de um espaço urbano democrático. Mostrando assim o potencial do espaço público em ser um local diverso e democrático, apresentando as convivências e os conflitos que formam a cidade.

Palavras-Chave: Espaços Urbanos, População LGBTQIA+, Espaços Públicos, Direito à Cidade.

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| GRÁFICO 01 - Cidade excludente. | 49 |
| GRÁFICO 02 - Cidade excludente com população LGBTQIA+. | 49 |
| GRÁFICO 03 - Espaços utilizados pela população LGBTQIA+ de Aracaju. | 50 |
| GRÁFICO 04 - Espaços onde sentem segurança de existir. | 50 |
| GRÁFICO 05 - Discriminação nos espaços públicos de Aracaju. | 51 |
| GRÁFICO 06 - Utilização dos espaços privados de Aracaju. | 52 |
| GRÁFICO 07 - Segurança nos espaços privados de Aracaju. | 52 |
| GRÁFICO 08 - Pertencimento aos espaços utilizados. | 67 |
| GRÁFICO 09 - Mudança do pertencimento aos espaços utilizados. | 67 |
| GRÁFICO 10 - Respostas sobre faixa etária. | 73 |
| GRÁFICO 11 - Identidade de gênero. | 74 |
| GRÁFICO 12 - Orientação sexual. | 74 |
| GRÁFICO 13 - Se conhece o Gaymado Aju. | 77 |
| GRÁFICO 14 - Se já frequentou o Gaymado Aju. | 77 |
| GRÁFICO 15 - Atividade que gostam de realizar no Gaymado Aju. | 78 |
| GRÁFICO 16 - Trabalho Virtual do Gaymado Aju. | 80 |
| GRÁFICO 17 - Gaymado Aju na luta por um espaço democrático. | 82 |
| GRÁFICO 18 - Retorno do Gaymado Aju. | 82 |

LISTA DE IMAGENS

| | |
|---|----|
| IMAGEM 01 - Crimes de LGBTfobia no Brasil. | 13 |
| IMAGEM 02 - Woman Liberation, Nova York, 1971. | 22 |
| IMAGEM 03 - Manifestação City Hall, Nova York, 1973. | 22 |
| IMAGEM 04 - Christopher Street Liberation Day, 1971. | 23 |
| IMAGEM 05 - Christopher Street Liberation Day, 1971. | 23 |
| IMAGEM 06 - Boneco da identidade e expressão de gênero. | 26 |
| IMAGEM 07 - Mapa de leis de Orientação sexual no mundo. | 28 |
| IMAGEM 08 - Mulher Trans no Distrito de Meatpaking, 1971. | 29 |
| IMAGEM 09 - Rua Christopher, Greenwich Village, 1971. | 29 |
| IMAGEM 10 - Bar Stonewall Inn, 1969. | 30 |
| IMAGEM 11 - Jovens na frente do Stonewall Inn, 1969. | 30 |
| IMAGEM 12 - Única foto conhecida da Revolta de Stonewall, 1969. | 30 |

| | |
|--|----|
| IMAGEM 13 - Primeira parada do orgulho LGBTQIA+, 1970. | 31 |
| IMAGEM 14 - Primeira parada do orgulho LGBTQIA+, 1970. | 31 |
| IMAGEM 15 - Primeira parada do orgulho LGBTQIA+, 1970. | 31 |
| IMAGEM 16 - Primeira parada do orgulho LGBTQIA+, 1970. | 31 |
| IMAGEM 17 - Edição N°4 do Jornal Lampião da Esquina. | 32 |
| IMAGEM 18 - Grupo Somos,1980. | 33 |
| IMAGEM 19 - Manifestação do Grupo Gay da Bahia. | 33 |
| IMAGEM 20 - Combate ao HIV/AIDS, Grupo Dialogay, 2000. | 34 |
| IMAGEM 21 - Primeira marcha do orgulho LGBTQIA+,1970. | 35 |
| IMAGEM 22 - Parada do Orgulho LGBTQIA+ de São Paulo, 2019. | 35 |
| IMAGEM 23 - Tentativa de prisão de jovem gay,1969. | 38 |
| IMAGEM 24 - Esquina próxima ao bar Stonewall Inn, 1969. | 38 |
| IMAGEM 25 - Primeira marcha do orgulho LGBTQIA+,1970. | 38 |
| IMAGEM 26 - Primeira marcha do orgulho LGBTQIA+,1970. | 38 |
| IMAGEM 27 - Final da marcha no Parque Washington Square, 1970. | 39 |
| IMAGEM 28 - Final da marcha no Parque Washington Square, 1970. | 39 |
| IMAGEM 29 - Final da marcha no Parque Washington Square, 1970. | 39 |
| IMAGEM 30 - Final da marcha no Parque Washington Square, 1970. | 39 |
| IMAGEM 31 - Concentração da marcha em frente ao Stonewall Inn, 1970. | 40 |
| IMAGEM 32 - Público observando a passagem da primeira marcha, 1970. | 40 |
| IMAGEM 33 - Primeira Parada do Orgulho, 1997. | 41 |
| IMAGEM 34 - Vista aérea da Parada de 2016. | 41 |
| IMAGEM 35 - Público da Parada de 2016. | 41 |
| IMAGEM 36 - Drag Queen na Parada de 2016. | 41 |
| IMAGEM 37 - Bandeira na Av. Paulista, 2016. | 42 |
| IMAGEM 38 - Edifício na Av. Paulista, 2016. | 42 |
| IMAGEM 39 - Parada do Orgulho de Sergipe, 2019. | 42 |
| IMAGEM 40 - Parada do Orgulho de Sergipe, 2019. | 42 |
| IMAGEM 41 - Ação de prevenção de ISTs, 2015. | 43 |
| IMAGEM 42 - Público da Parada do Orgulho de Sergipe, 2011. | 43 |
| IMAGEM 43 - Público da Parada do Orgulho de Sergipe, 2015. | 43 |
| IMAGEM 44 - Público da Parada do Orgulho de Sergipe, 2013. | 43 |
| IMAGEM 45 - Localização de Aracaju. | 48 |
| IMAGEM 46 - Gaymado Recife, 2017. | 60 |
| IMAGEM 47 - Gaymado Rio, 2015. | 60 |

| | |
|---|----|
| IMAGEM 48 - Gaymada SP, 2016. | 60 |
| IMAGEM 49 - Gaymado BH, 2019. | 60 |
| IMAGEM 50 - Gaymado Aju Setembro Amarelo. | 61 |
| IMAGEM 51 - Gaymado Aju Aniversário 2 anos. | 61 |
| IMAGEM 52 - Gaymado Aju Prevenção. | 61 |
| IMAGEM 53 - Gaymado Aju na primeira quadra. | 62 |
| IMAGEM 54 - Gaymado Aju na segunda quadra. | 62 |
| IMAGEM 55 - Pausa do Gaymado Aju para conversar. | 63 |
| IMAGEM 56 - Primeira edição do Gaymado Aju, 2017. | 64 |
| IMAGEM 57 - Primeira edição do Gaymado Aju, 2017. | 64 |
| IMAGEM 58 - Segunda edição do Gaymado Aju, 2018. | 64 |
| IMAGEM 59 - Segunda edição do Gaymado Aju, 2018. | 64 |
| IMAGEM 60 - Gaymado Aju na Orla de Atalaia. | 67 |
| IMAGEM 61 - Gaymado Aju na Av. 13 de Julho. | 67 |
| IMAGEM 62 - Gaymado Aju, decoração do orgulho. | 68 |
| IMAGEM 63 - Gaymado Aju, decoração setembro amarelo. | 68 |
| IMAGEM 64 - Gaymado Aju, decoração de 2 anos. | 68 |
| IMAGEM 65 - Gaymado Aju, decoração da prevenção. | 68 |
| IMAGEM 66 - Público observando os jogos. | 70 |
| IMAGEM 67 - Público observando os participantes dançando. | 70 |
| IMAGEM 68 - Público observando os jogos. | 70 |
| IMAGEM 69 - Público observando os jogos. | 70 |
| IMAGEM 70 - Participantes jogando no Gaymado Aju. | 75 |
| IMAGEM 71 - Participantes jogando no Gaymado Aju. | 75 |
| IMAGEM 72 - Participantes jogando no Gaymado Aju. | 75 |
| IMAGEM 73 - Participantes esperando para jogar. | 75 |
| IMAGEM 74 - Participantes no gramado da quadra. | 76 |
| IMAGEM 75 - Participantes no gramado da quadra. | 76 |
| IMAGEM 76 - Casal no gramado da quadra. | 76 |
| IMAGEM 77 - Participantes no gramado da quadra. | 76 |
| IMAGEM 78 - Público ocupando a região da quadra. | 77 |
| IMAGEM 79 - Público utilizando banco na Orla de Atalaia. | 77 |
| IMAGEM 80 - Quadro Se Informe Gay. | 79 |
| IMAGEM 81 - Quadro #TBT. | 79 |
| IMAGEM 82 - Quadro #Gaymado Indica. | 79 |

LISTA DE MAPAS

| | |
|--|----|
| MAPA 01 - Bar Stonewall e a Marcha de 1970. | 37 |
| MAPA 02 - Espaços Utilizados pela População LGBTQIA+. | 53 |
| MAPA 03 - Turnos dos Eventos LGBTQIA+. | 55 |
| MAPA 04 - Acesso aos Eventos LGBTQIA+. | 57 |
| MAPA 05 - Atuação do Gaymado no Brasil. | 59 |
| MAPA 06 - Quadras Utilizadas pelo Gaymado Aju. | 65 |
| MAPA 07 - Número de Questionários Respondidos por Bairro. | 71 |
| MAPA 08 - Número de Questionários Respondidos por Município. | 72 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| TABELA 01 - Arma usada pelo agressor contra LGBTQIA+ no Brasil. | 12 |
|---|----|

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| | INTRODUÇÃO | 11 |
| 1 | CIDADE PARA TODOS? | 16 |
| 2 | COMUNIDADE LGBTQIA+ | 21 |
| 2.1 | EXISTÊNCIAS POR TRÁS DAS LETRAS | 23 |
| 2.1.1 | Sexo Biológico | 24 |
| 2.1.2 | Orientação Sexual | 24 |
| 2.1.3 | Identidade de Gênero | 25 |
| 3 | MOVIMENTO LGBTQIA+ | 27 |
| 3.1 | RELAÇÃO DA POPULAÇÃO LGBTQIA+ E A CIDADE | 36 |
| 3.1.1 | Revolta de Stonewall | 36 |
| 3.1.2 | Parada do Orgulho LGBTQIA+ | 40 |
| 3.1.3 | Considerações | 44 |
| 4 | O MOVIMENTO GAYMADO | 47 |
| 4.1 | ARACAJU E SUA POPULAÇÃO LGBTQIA+ | 48 |
| 4.2 | GAYMADO AJU | 58 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 84 |
| | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 88 |
| | ANEXO | |



INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como temática a ocupação do espaço público pela comunidade LGBTQIA+ e suas implicações no direito e vivência da cidade e tendo como campo de estudo a cidade de Aracaju/SE. É notória a luta dos grupos sociais minoritários, como a população LGBTQIA+, negros, mulheres e outro grupos, pelo direito à cidade, respeito e contra a proibição formal ou informal da utilização dos espaços públicos. Mesmo diante do empoderamento LGBTQIA+ dos últimos anos, esta comunidade é marginalizada e excluída por uma grande parte da sociedade por não seguirem os padrões da sociedade heteronormativa e binária, resultando na produção de violências sistêmicas advindas da LGBTfobia. Desde 1970 manifestações acontecem no Brasil e no mundo reivindicando visibilidade, respeito e direitos civis, e ainda hoje é necessário reivindicar essas pautas pertinentes.

A manutenção dessa realidade preconceituosa e discriminatória é refletida na negação diária de acesso aos espaços, públicos e privados, direitos e serviços públicos, que expõe a exclusão da teorização de um direito à cidade universal, inclusiva e igualitária, e nos altos números de violência contra a comunidade LGBTQIA+.

Segundo o relatório de mortes violentas de LGBTQIA+ no Brasil, feito pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), em 2019 foram registradas 329 mortes violentas de LGBTQIA+, sendo: 297 homicídios (90,3%) e 32 suicídios (9,7%). Apresentando assim uma queda quando comparado aos outros anos, por exemplo no ano recorte que foi em 2017 foram notificadas 445 mortes.

Tabela 01 – Arma usada pelo agressor contra LGBTQIA+ no Brasil.

| Tipo de Arma | Quant. | % |
|-------------------------|---------------|------------|
| Arma branca | 100 | 30,39 |
| Arma de fogo | 72 | 21,9 |
| Estrangulamento/asfixia | 27 | 8,21 |
| Espancamento | 12 | 3,64 |
| Pauladas | 12 | 3,64 |
| Enforcamento | 9 | 2,74 |
| Pedradas | 6 | 1,82 |
| Carbonizado | 6 | 1,82 |
| Tijolada | 2 | 0,61 |
| Garrafa | 2 | 0,61 |
| Atropelamento | 2 | 0,61 |
| SI | 64 | 19,5 |
| Uma ocorrência | 15 | 4,56 |
| Total | 329 | 100 |

Fonte: GGB, 2010.



Imagem 01 – Crimes de LGBTfobia no Brasil.

Fonte: G1, modificado pelo autor, 2021.

Um LGBTQIA+ é morto de forma violenta ou comete suicídio vítima de preconceito a cada 26 horas, tornando o Brasil o país que mais comete LGBTfobia. De acordo com algumas agências de direitos humanos, matam-se mais LGBTQIA+ no Brasil do que nos 13 países do Oriente e da África onde há pena de morte para essa população. O Brasil concentra mais da metade dos LGBTQIA+ assassinados no mundo, como consta no relatório de Oliveira, (2020, p.13).

Historicamente essa comunidade se situa na margem da sociedade e cria seus próprios guetos, espaços de socialização, sendo praticamente invisível para a sociedade heteronormativa, mas que traz para estas pessoas a segurança de existir, permitindo a liberdade e a ocupação de lugares de resistência dentro da cidade.

Assim são visíveis as barreiras construídas nos espaços públicos projetados para um indivíduo ideal, as quais limitam os indivíduos LGBTQIA+ de reconhecerem suas identidades pessoais e viverem conforme elas e de exercerem seus direitos à cidade.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2015, 84,72% da população brasileira vive no espaço urbano⁴, surge assim a necessidade da discussão e análise das relações de interação dos cidadãos e os espaços públicos. Ao falar desses espaços, há o questionamento sobre a opressão que estes podem representar para os indivíduos, principalmente para aqueles que não estão enquadrados na heteronormatividade e binaridade de gênero impostos pela sociedade.

A cidade é projetada para um ser universal ideal, sendo esse modelo o homem, branco, heterossexual, com um poder aquisitivo elevado e em plenas condições física. Isso faz com que o espaço público seja vivido de formas diferentes por outros grupos da sociedade. Tornando-a segregadora e reafirmando preconceitos direcionados a determinados grupos sociais.

¹ Dado retirado do site do IBGE: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18313-populacao-ru-ral-e-urbana.html>. Acesso em: 04 de dezembro de 2020 às 21:30.

Em grande parte, a cidade é planejada para um homem [...] de média idade, em plenas condições físicas, com um trabalho estável e bem remunerado que lhe permite ter carro privado e com uma esposa que o aguarda em casa com tudo feito e preparado. [...] Assim, fica claro para quem a cidade e o território são projetados. (MONTANER, MUXI, 2014, p. 207-208)

Portanto, ao visualizar essa problemática dentro da cidade, principalmente levando em conta os altos índices de LGBTfobia registrados no nosso país, fazendo com que o Brasil seja o país que mais comete essa tipologia de crime no mundo, faz-se necessário uma análise da vulnerabilidade desse grupo diante dos espaços públicos.

A luta pelos direitos das minorias sociais, entre elas a luta LGBTQIA+, vem sendo abordada com frequência nas mídias sociais e em trabalhos acadêmicos, se faz necessário este debate dentro do campo do urbanismo. A questão da exclusão dessa parcela da população aos espaços públicos, principalmente os dominados historicamente pelo público heterossexual, é uma forma de resgatar a cidadania e o direito a cidade dos mesmos e, na prática urbanista, uma maneira de exercer um urbanismo cidadão.

“(...) a estratégia de renovação urbana se torna ‘necessariamente’ revolucionária, não pela força das coisas, mas contra as coisas estabelecidas.” (LEFEBVRE, 2001, p. 112)

O objetivo geral deste trabalho é analisar a ocupação que a população LGBTQIA+ faz dos espaços públicos de Aracaju/SE. Foram determinados quatro objetivos específicos: o primeiro refere-se ao levantamento e estudo de bibliografia que trate da exclusão urbana e direito à cidade, e que se aproximem com a temática do trabalho; o segundo é entender a diversidade que constitui a população LGBTQIA+ ; o terceiro tem como propósito analisar as ocupações dos espaços públicos pelo movimento LGBTQIA+; o quarto é apresentar e analisar o Gaymado Aju como um recorte local da ocupação e resistência LGBTQIA+ no espaço público e como essa iniciativa demonstra uma forma de luta pela cidadania e mudança da realidade urbana.

Esta pesquisa utilizará a metodologia da pesquisa etnográfica, que consiste no estudo da comunidade LGBTQIA+, análise das suas relações com o espaço público e suas características como grupo social. Com a orientação do Prof. Dr. Frank Nilton Marcon do departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe. Esse método foi realizado com a vivência e observação participante no Gaymado Aju durante quatro anos do autor no evento, para analisar as características desse grupo e sua apropriação do espaço público, já que diante da pandemia do Covid-19 não foi possível realizar de maneira presencial. Esse estudo foi complementado através de questionários feitos por meio da plataforma Google Formulários e compartilhado de forma online. Por meio de fotos, vídeos e outros materiais, serão feitas análises do Gaymado Aju e de outros eventos presentes no trabalho. O presente trabalho terá como base bibliográfica

livros, artigos científicos e sites que abordem a temática para uma análise dos resultados e construção da pesquisa, a fim de demonstrar as condições da vivência LGBTQIA+ no meio urbano, com foco na cidade de Aracaju/SE.

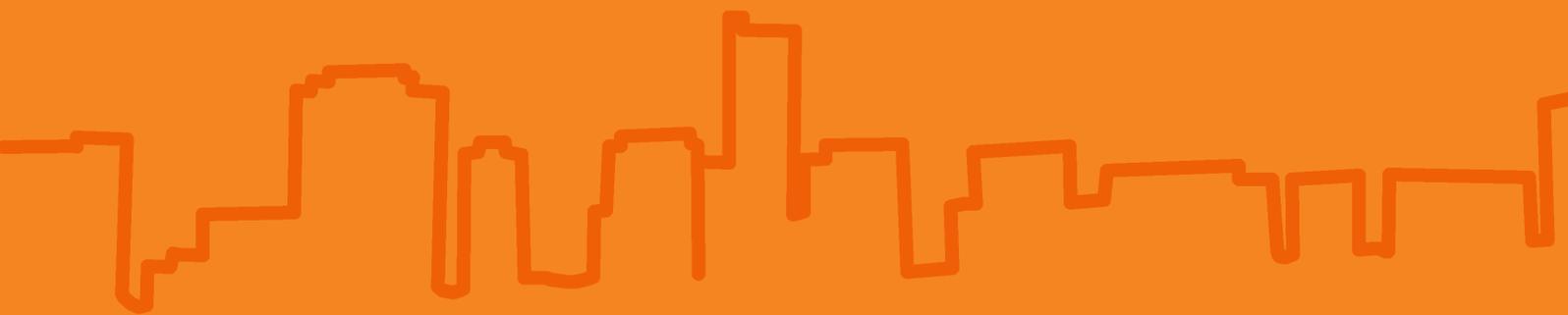
O primeiro capítulo apresentará a base teórica do trabalho, trazendo autores e suas bases de crítica ao urbanismo ainda praticado nas cidades e como essa forma de planejamento resulta em cidades de fachada e sem vida urbana, consequentemente deixando evidente a exclusão de minorias urbanas. Será tratada a relação da população LGBTQIA+ e a cidade, fugindo do discurso de que a cidade é democrática e feita para todos e apresentando uma face da cidade excludente. Mantendo assim a exclusão diária e negação da cidade para determinados grupos.

O segundo capítulo tem como objetivo esclarecer aspectos relacionados à comunidade LGBTQIA+. Trazendo uma explicação da sigla e o significado de cada letra e a atualização do próprio movimento que foi se adaptando para garantir maior representatividade. Em um segundo momento são apresentadas as diferenças de entendimentos entre sexo biológico, orientação sexual e identidade de gênero para problematizar os campos da pluralidade conceitual e das experiências humanas com relação ao gênero e a sexualidade.

No terceiro capítulo é apresentada historicamente a construção do movimento LGBTQIA+ enquanto organização coletiva em busca dos seus direitos e como a revolução de Stonewall, ocorrida nos Estados Unidos da América, se tornou referência como posicionamento político que chegou ao Brasil e ao estado de Sergipe, sendo feita uma análise dessas ocupações do meio urbano, bem como a utilização do espaço público que proposta pelas atuais Paradas do Orgulho que se tornaram os maiores eventos em busca de direitos realizado essa comunidade.

No quarto capítulo o foco da observação direta a ser estudado neste trabalho. Apresentando o movimento de ocupação dos espaços públicos, intitulado Gaymado e sua presença no país, e trazendo a experiência em Aracaju, o Gaymado Aju, como uma nova forma de resistência, ocupando principalmente os espaços esportivos. Surgindo assim como iniciativa pela reivindicação pública do direito à cidade. Através da observação direta, da análise sobre as práticas e resultados dos questionário sobre a vivência na cidade de Aracaju e no Gaymado Aju.

O quinto capítulo trará as principais reflexões geradas neste trabalho como forma de considerações finais. Trará um entendimento das questões abordadas no trabalho e apontando caminhos e ações de como a arquitetura e urbanismo podem incentivar o surgimento e discussão de modelos de inserção urbana para estas comunidades excluídas que auxiliem nas gestões das cidades, tornando-as mais democráticas. No anexo será apresentado o questionário aplicado para auxiliar o desenvolvimento do trabalho.



1

**CIDADE PARA
TODOS?**

O discurso de que a cidade é democrática, inclusiva e igualitária, nos faz questionar para quem esse discurso é válido, quem “pode” utilizar dos espaços e serviços públicos, pensados nos projetos urbanos? Porém é importante nos perguntarmos, quem são as pessoas que não estão incluídas nesses espaços planejados? Quem diariamente tem seu acesso aos espaços, direitos e serviços públicos negados e precisa lutar pelo direito à cidade?

A cidade é um “campo de batalha” já que é palco dos contrastes urbanos e essas lutas de classe não interferem no sentimento de pertencimento da cidade, mas fortalecem esse sentimento na busca de uma cidade mais igualitária, como abordado por Lefebvre (2001). O autor ainda traz que o espaço público da cidade está ligado à ideia de um espaço democrático, mas os elementos dessa democracia são hierarquizados para suprir as exigências da sociedade dominante, que está no topo. “O espaço urbano estabelece – em sua distribuição, utilização, transferência e simbolização – hierarquias e prioridades que favorecem determinados valores e anulam outros.” (CORTÉS, 2008, p. 31).

Como a *Ágora*, lugar símbolo da democracia, mas que funcionava apenas para alguns cidadãos e excluía mulheres, estrangeiros e outras parcelas da sociedade, e essa continua sendo uma filosofia da cidade. Cortés (2008) diz que a arquitetura tradicional manteve seus valores repressivos a determinadas sexualidades e o manteve padronizado. O peso da hegemonia da masculinidade e binaridade de gênero está mais presente em tudo o que é negado do que no que é dito.

Lefebvre (2001) faz uma distinção fundamental entre a cidade e o urbano, onde a cidade é um sítio, o local, e o urbano é algo como uma cidade efêmera, uma obra feita pelos próprios habitantes. Então podemos definir que o espaço urbano é produzido diariamente pelas pessoas, só existindo quando utilizado, assim o espaço público socializado assume um caráter permanentemente inquieto, um cenário para o inesperado, por isso o espaço público é palco de vivências contrárias a perpetuação dessa prática excludente, mostrando a diversidade da sociedade e seus conflitos.

“São as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são essas experiências do espaço pelos habitantes, passantes ou errantes que reinventam esses espaços no seu cotidiano.” (BERENSTEIN, 2008).

O planejamento e organização da cidade é pensando sempre para ter como resultado uma cidade sem conflitos, uma cidade pacífica que serve para esses interesses, segundo Delgado (2017), restringindo assim o poder social da cidade e tendo uma segregação que atinge de forma mais bruta certas classes sociais minoritárias. A preocupação com a legibilidade do espaço público, com base em Delgado (2017), são as iniciativas urbanas que se sustentam em um planejamento que traduz apenas um discurso, o das classes dominantes, e que acaba criando

barreiras para a vivência plena da cidade para determinados grupos sociais.

Esse planejamento urbano que visa espaços passivos e sem conflitos acaba resultando em um espaço público cada vez mais controlado e também cada vez menos público. Delgado (1995), retrata que o abandono pelo Estado do dever de garantir os direitos democráticos fundamentais e do Estado de bem-estar social, faz parte da política global de desarticulação perante os espaços de todos (espaços públicos, o desfrutar das ruas, moradia digna, entre outros.).

... por trás de uma pretensa neutralidade técnica e descritiva, contribuem para a perpetuação das discriminações e se transformam na expressão de uma geometria autoritária que sustenta o pensamento hegemônico, reproduz a subordinação do feminino, exacerba as diferenças sociais e nega a existência espacial das minorias. (CORTÉS, 2008, p. 127)

Essa forma de conceber a cidade, segundo Delgado (1995), ligada ao crescente autoritarismo do Estado, acaba exercendo um controle maior no espaço público levando a invisibilidade e/ou a eliminação de qualquer existência conflituosa no espaço, seja ela de orientação sexual, gênero, raça e de outros tipos, já que a rua e a praça contemplam a realização da utopia de uma superação absoluta das diferenças de classe e das contradições sociais.

“Trata-se da criação de um autêntico ‘entorno intimidador’ e da aplicação do que o urbanista e sociólogo Jordi Borja acertadamente chama de ‘repressão preventiva’ contra setores vulneráveis e habitualmente já prejudicados da população”. (DELGADO, 1995, p. 2)

Segundo o texto de Paola Berenstein, *Corpografias Urbanas* (2008), ela traz o conceito de espetacularização das cidades contemporâneas, que está ligado ao empobrecimento da participação cidadã e vivência corpórea da cidade. E o que seria essa espetacularização? Segundo Paola, é quando a cidade e os espaços urbanos se tornam simples cenários, sem corpo, sem vida. Decorrente do processo de privatização dos espaços públicos.

Paola traz luz sobre a investigação das micro resistências nesse processo urbano da cidade-outdoor, resistências essas que são as experiências corporais no meio urbano. A corpografia, definida por ela, é um tipo de cartografia corporal de memórias e experiências da vivência da cidade. Esses atos de resistências, ocupação e vivência da cidade nos levam a pensar a relação do urbano e do corpo cidadão, aquele que pratica a cidade. Os cenários criados por tais manifestações de práticas urbanas quebram a lógica da cidade cenário.

Essas apropriações da urbe nos fazem refletir sobre a importância das intervenções na cidade contemporânea, já que essas apropriações dos espaços levam a um urbanismo “incorporado” e contra o urbanismo espetacular. Na paisagem urbana os corpos das mulheres e da comunidade LGBTQIA+ não estiveram presentes ou foram silenciados e durante muitos anos, o espaço privado, foi o único local de liberdade para expressar suas existências, de acordo com

Cortés (2008). Trazendo esses corpos de resistência para a vida urbana, corpos que sobrevivem e resistem no urbano, que pela sua simples presença e existência, transformam a lógica da cidade cenário, sem conflitos, pacífica e passiva, em um espaço de conflitos de realidades urbanas, diferenças essa que fazem a vida da cidade.

Mas quem é esse ser universal para a qual a cidade é planejada? A cidade vem sendo projetada para um ser universal, esse modelo tomado como padrão no planejamento urbano é o homem, branco, heterossexual, com boas condições financeiras e em plenas condições física. Isso faz com que os espaços da cidade se tornem segregadores a determinados grupos sociais, que acabam se situando na margem da sociedade, criando seus guetos, que são lugares de resistência dentro da cidade. “Dessa maneira, parece existir apenas um corpo, uma sexualidade e um gênero: o majoritário, que se deseja fazer passar como o único.” (CORTÉS, 2008, p. 32).

Martínez (2011) aponta ainda em seu texto que a universalidade do sujeito é uma forma de mascarar que o verdadeiro sujeito, levado em conta nos planejamentos como universal, é masculino, já que os espaços tomados como referências são de esferas públicas, que eram apenas destinados aos homens, diferente do espaço doméstico que foi tido como feminino. Mantendo, segundo Cortés (2008), o ideal de um corpo majoritário que ocupa a cidade e essa organização espacial ajuda a perpetuar a relação de gênero, onde há os privilégios e a autoridade do ser masculino como algo natural e normal, tornando esse um espaço vazio de diversidade.

“nega a todos os setores que não participam da sua maneira de entender a sexualidade ou os gêneros o direito de ser visto, identificados, representados pois pretende torná-los invisíveis e silenciosos. E frequentemente consegue.” (CORTÉS, 2008, p. 133).

Um dos pontos que chamam a atenção, para Cortés (2008), é como a comunidade LGBTQIA+, que tanto necessitava de espaços dentro da cidade, foi ocupando e se apoderando de diversos espaços, muitos em determinados horários, para dotá-los e um novo significado, e assim criando espaços de resistência dentro da cidade genérica. Michel de Certeau, filósofo francês, explica que os usuários de um espaço são aqueles que têm a capacidade de dar significado para eles, pois o espaço só existe se for utilizado.

Essa apropriação dos espaços da cidade vem como uma busca por um direito à cidade, em contraponto a exclusão e invisibilidade sofrida por esse grupo, que historicamente é afastado da vida pública e de seus espaços planejados para um ser universal ideal. Essas vivências e corpos LGBTQIA+, que colidem com a idealização de um espaço público sem conflitos de uma cidade de outdoor, demonstram como um urbanismo excludente, decorrente do preconceito, interfere na experiência urbana e na vida cidadã, e assim limitando sua existência na cidade.

“A pesar del reconocimiento formal de la igualdad, miembros de grupos oprimidos por razones de etnia, religión, género u orientación sexual se enfrentan de forma cotidiana a dife-

rentes formas de exclusión que los imposibilitan de la plena participación en la vida pública.” (MARTÍNEZ, 2011, p.108).

A ideia do direito à cidade não surge como apenas um discurso da “moda”, mas surge basicamente das ruas e de minorias sociais como um grito de socorro para pessoas oprimidas e ameaçadas diante de políticas públicas e uma cidade excludente, segundo Harvey (2014). O autor traz ainda que o direito à cidade é mais do que um direito de acesso individual ou coletivo aos recursos urbanos, é um direito de mudar e reinventar a cidade de acordo com as necessidades coletivas, já que reinventar a cidade depende de um exercício de poder coletivo sobre o processo de urbanização, o modo como as nossas cidades são feitas e refeitas, “os espaços não são formações estáticas, mas o resultado de um processo cultural que vai mudando e se reconfigurando de acordo com as necessidades específicas dos usuários.” (CORTÉS, 2008, p.161).

Devemos abandonar o fazer a cidade ou projetá-la para um antigo ser ideal, como escreve Lefebvre (2001). O caminho a ser seguido é o de projetar para o novo ser, um ser urbano, uma nova sociedade urbana, tentando escapar dos velhos mitos e ideologias que afastam esse novo horizonte, e que as forças sociais têm o poder para desfazer as ideologias dominantes da sociedade atual. Essa reforma urbana deve ser com a representação de todos, principalmente das minorias. O direito à cidade surge como uma exigência da parcela social excluída, um direito à vida urbana.

“Apenas grupos, classes ou frações de classes sociais capazes de iniciativas revolucionárias podem se encarregar das, e levar até a sua plena realização, soluções para os problemas urbanos; com essas forças sociais e políticas, a cidade renovada se tornará a obra.” (LEFEBVRE, 2001, p. 113)

Cada espaço tem diferentes significados e assim têm diferentes relações com o ser, por esse motivo podemos induzir a criação de espaços excludentes ou de integração, bem como ocasionar uma maior exclusão e isolamento de determinado grupo ou estimular que a convivências das diferentes realidades no mesmo espaço, tornando-o democrático. Mas também as apropriações desses espaços, principalmente pela parcela excluída da sociedade, dota esses espaços de novos significados, como os espaços utilizados pela população LGBTQIA+.

“Por isso mesmo deveríamos ter consciência de que não se vive o espaço doméstico do mesmo modo nem habitam a mesma cidade um jovem sem emprego e um empresário aposentado, um homem e uma mulher, um europeu e um imigrante, um casal com filhos e um gay ou uma lésbica, uma vez que cada um(a) traz consigo um conjunto de aspectos que condicionam suas vivências.” (CORTÉS, 2008, p. 32)



2

**COMUNIDADE
LGBTQIA+**

O objetivo do reconhecimento de múltiplas expressões de gênero e sexualidade em torno da sigla LGBTQIA+ é o reconhecer, a representare a unir todas as pessoas que fazem parte da comunidade com a sua sexualidade e identidade de gênero que divergem da binaridade e da heteronormatividade. Afinal, o que significam todas essas letras?

A sigla foi sendo atualizada ao mesmo tempo que o movimento foi crescendo e tornando-se mais representativo. O primeiro termo positivo amplamente utilizado foi adotado na década de 1970, Grenn; Quinalha; Caetano; Fernandes (2018), quando o termo “Gay” representava a todos e era utilizado nas primeiras manifestações como “Gay liberation”² e “Gay power”³. À medida que o movimento lésbico fortaleceu sua identidade pública, a expressão “gays e lésbicas” tornou-se mais comum e assim por diante.

No Brasil era frequentemente utilizado o termo GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), criada em 1994, mas deixou de ser usada por ser considerada excludente, porque ignora diversas orientações sexuais e identidades de gêneros (GOMES, 2018), pela a ABGLT (Associação Brasileira LGBT) e dar protagonismo a qualquer pessoa que apoiasse a causa (Simpatizante) e por isso o “S” foi retirado.

Trevisan (2018, p. 540) traz que sigla passou, então, a ser GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros), até finalmente se tornar LGBT, aprovada na 1ª Conferência Nacional GLBT, realizada em Brasília no período de 5 e 8 de junho de 2008. A mudança foi feita para valorizar as lésbicas no contexto da diversidade sexual e de gênero, e também de aproximar o termo brasileiro com o termo predominante em várias outras culturas, já que a ONU e Anistia Internacional adotam a sigla “LGBT” (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis/Transgêneros/Transexuais).

Existe uma variação da sigla que tenta alcançar ainda mais o seu objetivo de reconhecer, representar e unir. A sigla LGBTQIA+ traz a representatividade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis/ Transexuais/ Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais e o “+” que vem para incluir

² O termo em português significa “Libertação Gay”

³ O termo em português significa “Poder Gay”

Imagem 02 – Woman Liberation, Nova York, 1971.

Imagem 03 – Manifestação City Hall, Nova York, 1973.

Fonte: Diana Davies, acesso em: <<https://digitalcollections.nypl.org/collections/diana-davies-photographs>>, outubro, 2021.



aqueles que não se sentem representados nas letras presentes. Importante frisar que reconhecer esses grupos não tem a ver com rotulá-los, mas sim com reconhecê-los em sua pluralidade. De acordo com Santos (2021) a descrição de cada letra da sigla é:

L - Lésbica: Pessoa cis ou trans que se identifica no gênero feminino e se relaciona afetiva e/ou sexualmente com outras pessoas do gênero feminino;

G - Gay: Pessoa cis ou trans que se identifica no gênero masculino e se relaciona afetiva e/ou sexualmente com outras pessoas do gênero masculino;

B - Bissexual: Aquele ou aquela que se relaciona afetiva e/ou sexualmente com pessoas do gênero feminino ou masculino.

T- Transexuais, travestis e transgêneros: que são pessoas que não se identificam com os gêneros masculino ou feminino atribuídos no nascimento com base no sexo biológico.

Q - Queer: De acordo com a Teoria Queer da pesquisadora Judith Butler, são pessoas fluidas, que não se identificam com o feminino ou masculino e transitam entre os “gêneros”. Elas também podem não concordar com os rótulos socialmente impostos. Queer engloba todas as orientações e identidades, sem se especificar em apenas uma delas.

I - Intersexo: É a variação de características sexuais que incluem cromossomos ou órgãos genitais que não permitem que a pessoa seja distintamente identificada com o sexo biológico masculino ou feminino.

A - Assexual: É a falta de atração sexual, ou falta de interesse em atividades sexuais.

+: Engloba todas as outras sexualidades e identidades de gênero.

2.1 EXISTÊNCIAS POR TRÁS DAS LETRAS

É importante explicar as diferenças entre sexo biológico, orientação sexual e identidade de gênero para o entendimento das problemáticas de uma sociedade que impõe a heteronormatividade e a binaridade de gênero, e a invisibilidade desse tema, um exemplo disso é a reti-

Imagem 04 – Christopher Street Liberation Day, 1971.

Imagem 05 – Christopher Street Liberation Day, 1971.

Fonte: Diana Davies, acesso em: <<https://digitalcollections.nypl.org/collections/diana-davies-photographs>>, outubro, 2021.



rada dos termos “sexualidade” e “identidade de gênero” da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2017.

Deixando explícito que não existe relação entre essas diferenças, uma não está condicionada a outra, como relata o psicólogo Paulo Allencar em seu site (2021), e também que não há uma escolha para nenhum desses fatos, que essas condicionantes já nascem com cada um e são integrantes do próprio corpo e mente de cada indivíduo. Todas as diferenças devem ser respeitadas e compreendidas dentro da pluralidade humana e que o existir vai além do sexo biológico.

2.1.1 Sexo Biológico

O sexo biológico nada mais é do que denominação utilizada para definir os indivíduos a partir das características físicas ao nascer, determinado através da genética que é resultado da combinação cromossômica, como destaca Allencar (2021). Estando assim relacionada com a existências dos órgãos reprodutores e com o conceito de macho (homem), fêmea (Mulher) e intersexo.

2.1.2 Orientação Sexual

A orientação sexual, para Anjos (2000), é normalmente entendida por conceitos heteronormativos, passando pela contradição entre o ser ativo/passivo, onde ,na construção patriarcal e machista, entendem o homem como dominador e a mulher como dominada. Segundo a mesma autora esse pensamento é fundamentado na hierarquização entre o masculino e o feminino. Com a continuidade desse pensamento acaba reforçando os estigmas com a comunidade LGBTQIA+.

A oposição ativo/passivo traz consigo a heterossexualidade como norma, e dispõe homens e mulheres segundo a “natureza”. Neste sentido, a homossexualidade subverteria a norma, a partir da ocupação, no caso da homossexualidade masculina, de uma posição inferior (dominada) (Bourdieu, 1999; Bozon, 1999). Essa posição foi construída historicamente, pela medicina e psiquiatria, a partir da reelaboração da prática homossexual como enfermidade, e não mais como pecado (Turner, 1989) e é fundada na percepção de diferentes naturezas para homens e mulheres e na identificação do homossexual com a natureza feminina (Costa, 1996). Já no caso da homossexualidade feminina, haveria a possibilidade de subversão de uma posição de subordinação, a partir da negação do papel atribuído à mulher: subordinar-se, também sexualmente, ao homem. (ANJOS, 2000, p. 276)

De acordo com Allencar (2021) a orientação sexual é definida pela atração ou ligação afetiva que uma pessoa sente por outra, que pode surgir das mais diversas formas. Dentre elas estão:

Heterossexualidade: É a atração afetiva e sexual por pessoas do gênero/sexo oposto.

Homossexualidade: É a atração afetiva e sexual por pessoas do mesmo gênero/sexo.

Bissexualidade: É atração pelos dois sexos/gêneros, homem e/ou mulher.

Assexualidade: Diz respeito às pessoas que não sentem atração sexual por nenhum sexo/gênero.

Pansexualidade: É a atração afetiva e sexual por pessoas, independente do gênero/sexo.

2.1.3 Identidade de Gênero

A identidade de gênero para Allencar (2021) diz respeito a como uma pessoa se sente em relação ao próprio gênero, portanto parte de um auto reconhecimento e auto afirmação pessoal, gerando assim a sua auto imagem. Essa identidade pode ser vivenciada de diversas formas, já que está relacionada às percepções de cada indivíduo. Como diz Simone de Beauvoir (1967, p. 9) no início do seu livro “O segundo sexo: a experiência vivida”, “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. A possibilidade de criação da pessoa como sujeito, é resultante de uma construção social e não biológica. O indivíduo pode se enquadrar em diferentes representações de gênero que não se enquadram nas categorias padrões designados pelo sexo biológico.

Gênero não é um substantivo, tampouco uma série de atributos vagos; (...) o gênero vem a ser performativo, isto é, constitui a identidade que se supõe que se é (...); o gênero é sempre um fazer mesmo que não seja um fazer por parte de um sujeito que se pode considerar preexistente à ação (...); não há uma identidade de gênero por trás das expressões de gênero, essa identidade se constitui performativamente pelas mesmas “expressões” que, segundo se diz, são resultado dela. (CORTÉS,2008, p. 138)

Dentro desse conceito apontado por Allencar (2021) existem várias identidades, entre elas estão:

Cisgênero: Cis é um prefixo do latim que significa “do mesmo lado”. Assim a pessoa cisgênera é aquela que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído ao nascimento.

Travesti/Transgênero/Transexual: Trans é um prefixo latino para “além de”, ou seja, pessoas trans não se identificam com o gênero que lhe foi dado ao nascerem.

Não Binário: É alguém que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento nem com outro gênero. Assim, essas pessoas podem não se perceber nos papéis relacionados às mulheres e aos homens ou podem vivenciar uma mistura de ambos.



Imagem 06 – Boneco da identidade e expressão de gênero.

Fonte: Manual de Comunicação LGBTI+, 2018.

Percebemos que essa comunidade é diversa e constituída em uma pluralidade que diverge da sociedade dominante. Levando essa população a uma luta de resistência para assegurar sua existências e direitos como parte da sociedade e assim se formou a luta da população LGBTQIA+ por direitos civis e contra o preconceito, que nasce em Nova York e se espalha pelo mundo.

3

**MOVIMENTO
LGBTQIA+**



O histórico de luta pelos direitos LGBTQIA+ é bastante conturbado e continua até hoje. Segundo Neto (2019, p. 29) a homossexualidade era tida como “doença” e tratada com cadeiras de choque, torturas e estupros corretivos.

Segundo relatório da desenvolvido pela ILGA (International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association), a homossexualidade ainda é criminalizada em 70 países (ILGA, 2020).

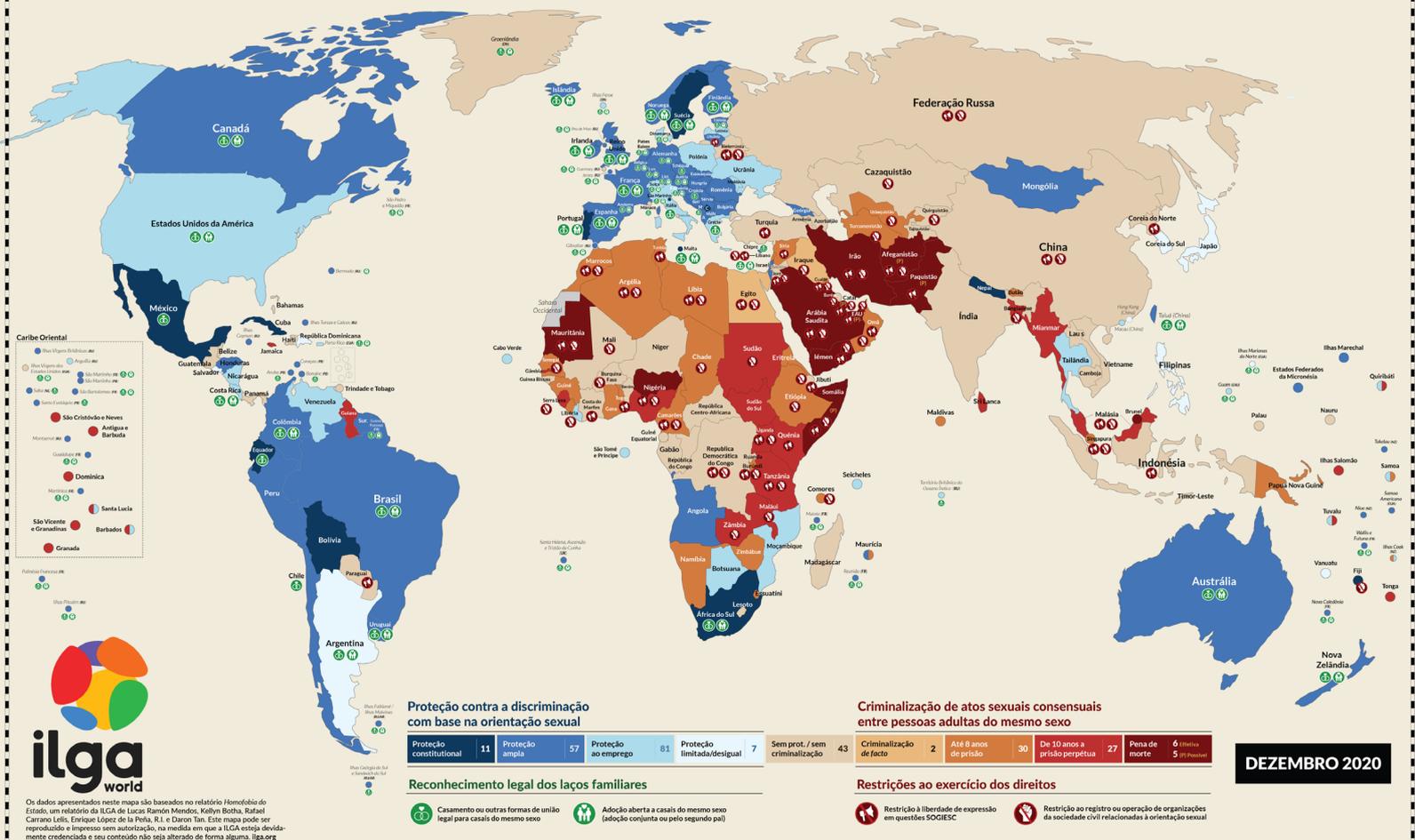
No mapa, Imagem 07, estão classificados os países onde existem proteções contra a discriminação em escala de azul, onde o azul mais forte são países com proteção constitucional até o azul mais claro com uma proteção limitada. Os países em bege são aqueles onde não existem proteções e nem criminalização. Já os países em escala de vermelho são onde há a criminalização, onde o laranja claro é a criminalização do fato e o vermelho escuro onde existe a pena de morte.

Não é possível falar da população LGBTQIA+ e o direito à cidade sem antes entender a história de luta desse grupo, os fatos e movimentos que resultaram no cenário atual. Mas qual

Imagem 07 – Mapa de leis de Orientação sexual no mundo.

LEIS DE ORIENTAÇÃO SEXUAL NO MUNDO

Da criminalização de atos sexuais consensuais entre pessoas adultas do mesmo sexo à proteção contra a discriminação com base na orientação sexual



o contexto histórico que motivou a revolta de Stonewall e ter tamanha importância?

Nos Estados Unidos da América existiam várias leis que proibiam ou limitavam a plena vivência da população LGBTQIA+, assim, de acordo com Silva (2006, p. 166), os bares que recebiam esse público funcionavam na ilegalidade e a homossexualidade era o argumento para as frequentes batidas policiais. Mesmo assim os bares eram importantes pontos sociais de encontro e socialização da vida dessas pessoas. Por conta da ilegalidade quem assumiu o papel de criar esses locais de entretenimento foi a máfia americana.

A segregação socioespacial da população LGBTQIA+ era evidente, já que para essa comunidade eram deixados os bairros afastados, ocupados por populações marginalizadas e envolvidos em atividades ilícitas. No contexto da cidade de Nova York o Greenwich Village e o Meatpacking District foram importantes para a população LGBTQIA+.

Segundo relatos presentes no documentário Stonewall Uprising (2010) o Greenwich Village tinha se tornado um bairro boêmio atraindo assim vários artistas e escritores. Também era um bairro de alta tolerância à diversidade sexual e de gênero.

Já no Meatpacking District, parte da zona portuária do Village, houve o surgimento de uma cena de subcultura LGBTQIA+ com os diversos “clubes sexuais” e práticas sexuais em público. Na região havia abatedouros e com isso diversos caminhões de carga ficavam nessa região, durante o dia funcionavam como açougues e à noite como locais de encontros sexuais.

Heterossexuais legalmente tinham diversos escapes sexuais. Eram chamados hotéis, motéis, caminhos dos namorados, cinemas drive-in, etc. (...) nós não tínhamos o direito a isso. Exceto por alguns bares comandados pela máfia que permitiam certa socialização, era basicamente proibido. Então tivemos que criar esses espaços, principalmente nos caminhões. (Stonewall uprising, 2010, 39m03s)

Imagem 08 – Mulher Trans no Distrito de Meatpaking, 1971.

Imagem 09 – Rua Christopher, Greenwich Village, 1971.

Fonte: Diana Davies, acesso em: <<https://digitalcollections.nypl.org/collections/diana-davies-photographs>>, outubro, 2021.





Imagem 10 – Bar Stonewall Inn, 1969.

Imagem 11 – Jovens na frente do Stonewall Inn, 1969.

Imagem 12 – Única foto conhecida da Revolta de Stonewall, 1969.

(...)eram os únicos lugares que tínhamos para encontrar uns aos outros, em espaços muito sujos, deploráveis, e ainda assim não podíamos ficar sozinhos, faziam batidas policiais. (Stonewall uprising, 2010, 40m53s).

Os depoimentos presentes no documentário Stonewall Uprising (2010), que conta com pessoas que participaram da revolta, mostra a segregação espacial e a ilegalidade que a população LGBTQIA+ estava condicionada. Com a limitação dos direitos de ir e vir, de existir e levados para espaços de baixa qualidade.

O bar Stonewall Inn, localizado na Christopher Street, número 53 em Nova York, era controlado pela máfia e um dos poucos a receber a população LGBTQIA+. Vendia bebidas alcoólicas ilegalmente e garantia o seu funcionamento a partir de um esquema de propina com a polícia, de acordo com Silva (2006, p.166). “O bar em si era um lixo. Mas era um refúgio da rua.” (Stonewall uprising, 2010, 36m54s).

Silva (2006, p.166) retrata que na madrugada de 28 de julho de 1969 uma batida feita por policiais funcionou como uma fagulha para tudo explodir. O limite para todos naquela noite foi a tentativa de pressão de uma mulher lésbica “(...)quando saiu, ela brigava com os policiais e tentava fugir. E quanto mais ela brigava, mais os policiais batiam nela, e mais brava ficava a multidão.” (Stonewall uprising, 2010, 52m44s). Então a população presente decidiu que não iriam sair e que não seriam mais atacados. A multidão começou a jogar

moedas nos policiais, Silva (2006, p.167), passar cantadas, fazer piadas chamando-os de “porcos” e gritar palavras de ordem, levando aos policiais a fazerem uma barricada dentro do bar.

O confronto começou a ficar mais violento e a polícia, (GOMES e ZENAIDE, 2019), recebeu reforços, porém a localização do bar facilitou a resistência dos manifestantes. Por ser uma quadra curta, aproximadamente 400 metros de perímetro, quando os policiais chegavam nos manifestantes por um lado, eles circulavam a quadra e os atingiam pelas costas, criando um tipo de cerco aos policiais, limitando os ataques da polícia.

O conflito continuou nos dias seguintes, (GOMES e ZENAIDE, 2019) e ficando mais violento, havendo confronto com a tropa de choque, porém recebendo cada vez mais o apoio popular. O confronto durou três dias e após uma reunião na prefeitura teve como resultado que no ano seguinte aconteceria a primeira marcha pelos direitos dessa população. Assim, no dia 28 de julho de 1970 ocorreu a primeira parada do orgulho LGBTQIA+, em memória do ocorrido no ano anterior.

A revolta de Stonewall foi um marco na luta pelos direitos dos LGBTQIA+, representando um dos primeiros levantes desse grupo, além disso, foi um marco por resultar na tomada do espaço público por esse público nos dias em que ocorreu. Tornando esse dia conhecido como o Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+.



Imagem 13, 14, 15 e 16 – Primeira parada do orgulho LGBTQIA+, 1970.

Fonte: Diana Davies, acesso em: <<https://digitalcollections.nypl.org/collections/diana-davies-photographs>>, outubro, 2021.

Nos povos originários do Brasil já existia esse tipo de relacionamento, o preconceito acabou chegando com as caravelas, tendo como sua primeira vítima de homofobia documentada no país o indígena Tupinambá, Tibira do Maranhão, (Tibira é um termo utilizado por indígenas para se referir a um homossexual). De acordo com Dulce (2021), ele foi assassinado em 1614 com o apoio dos jesuítas em São Luís (MA), tendo seu corpo amarrado pela cintura à boca de um canhão.

Contrariando a realidade brasileira atual, o Brasil foi um dos primeiros países da América a descriminalizar a homossexualidade em 1830. De acordo com Trevisan (2018) quando a Constituição do Império foi atualizada, seguindo as influências do filósofo inglês Jeremy Bentham e dos Códigos Napoleônico (1810) e Napolitano (1819), retirou o termo “sodomia” da lista de crimes, mas ainda assim os LGBTQIA+ eram punidos com outras partes da lei como o crime de “por ofensa à moral e aos bons costumes” ou tido como doentes.

O movimento LGBTQIA+ no Brasil tem sua articulação em diversas iniciativas, como reuniões em bares e em clubes dos anos 70, Grenn; Quinalha; Caetano; Fernandes (2018) anteriores ao Movimento Homossexual Brasileiro que surgiu em 1975. Os três pontos importantes do movimento LGBTQIA+ que vou destacar são o jornal “Lampião da Esquina” e o surgimento do grupo Somos e do Grupo Gay da Bahia. Já em Sergipe o Dialogay tem papel importante nessa articulação. Vale resaltar que quando a revolta de Stonewall acontece e essa onda de liberdade se espalha pelo mundo o Brasil está em plena ditadura militar, fato que atrasa os efeitos no país.

“(…) a ditadura brasileira retardava os efeitos domésticos dessa onda internacional de libertação, contracultura e desbunde, criando obstáculos concretos para a organização das pessoas LGBT no Brasil.” (GRENN, QUINALHA, et al, 2018, p.10)

O jornal Lampião da Esquina, de acordo com Oliveira (2012), foi lançado em 1978 no Rio de Janeiro, por um grupo de intelectuais e jornalistas voltado para a população LGBTQIA+. Se transformando no principal veículo de comunicação e politização dessa comunidade, tendo papel fundamental na disseminação de ideais em uma tentativa de romper a censu-

Imagem 17 – Edição Nº4 do Jornal Lampião da Esquina.

Fonte: Acesso em: <<https://www.hypeness.com.br/2016/04/documentario-conta-a-historia-do-lampiao-um-jornal-homossexual-sub-versivo-nascido-em-plena-ditadura/>>, janeiro, 2021.



ra. Já que a veiculação do Lampião da Esquina ocorreu em plena ditadura e passou a ser alvo dos militares. O jornal circulou até o ano de 1981 com 38 edições e uma tiragem de 10 a 15 mil exemplares.

Já em São Paulo, em 1978, foi fundado o Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais, sendo rebatizado depois de Somos (Grupo de Afirmação Homossexual). Conforme Oliveira (2012, p. 54) traz, o início do Somos é marcado pela sua formação mista, tendo gays e lésbicas atuando juntos, porém as mulheres passaram a ser organizar em um subgrupo, dessa forma criaram o Grupo Lésbico-Feminista, mas que ainda se organizavam conjuntamente. O grupo teve como finalidade inicial a construção de um espaço para a promoção da autoestima LGBTQIA+ e depois passou para uma articulação política.

A década de 1980 foi iniciada com o processo de abertura política e redemocratização em 1988, criando uma possibilidade de surgimento de novos movimentos sociais. Nesse período, (GOMES e ZENAIDE, 2019), surgiram várias organizações que se espalharam pelo país. Em 1980 foi realizado o I Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO) e simultaneamente o I Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (EGHO).

Com essa diversidade de movimentos surgindo pelo país inteiro houve a criação do Grupo Gay da Bahia (GGB) em 1980, que desde o seu surgimento assumiu o papel de levantamento e divulgação de dados sobre a violência contra a população LGBTQIA+, Oliveira (2012), se tornando referência até hoje divulgando anualmente seus relatórios.

Em Sergipe surgiu em 1980 o Movimento Homossexual de Aracaju, sendo um dos mais antigos do Brasil. O grupo Dialogay foi fundado por Wellington Gomes Andrade, no dia 14 de março de 1981, em Aracaju, Sergipe, Oliveira (2012). Que funcionou por quase vinte anos na sede do Diretório Central dos Es-

Imagem 18 – Grupo Somos, 1980.

Fonte: Acesso em: <<https://mercadizar.com/noticias/orgulho-lgbtqi-conheca-a-historia-do-movimento-por-direitos/>>, janeiro, 2021.



Imagem 19 – Manifestação do Grupo Gay da Bahia.

Fonte: Acesso em: <<https://grupogaydabahia.com.br/2018/03/01/29-de-fevereiro-de-1980-nasceu-em-salvador-o-grupo-gay-da-bahia/>>, janeiro, 2021.



tudantes, na Universidade Federal de Sergipe (DCE/UFS). Segundo Oliveira (2012) o registro no cartório ocorreu em 1990 e três anos depois foi declarada pela Assembleia Legislativa de Sergipe e Câmara Municipal de Aracaju, como entidade de utilidade pública.

Como Neto (2019) relata, nessa mesma época houve o surgimento de vários movimentos LGBTQIA+ na cidade, como o grupo ASTRA (Associação Sergipana de Transgêneros), o Movimento de Lésbicas de Sergipe (MOLS), e o grupo UNIDAS (Associação de Travestis Unidas). O grupo atuou no combate à violência e preconceito, a favor dos direitos civis e do tratamento da AIDS. O Dialogay encerrou suas atividades em 2003, Oliveira (2012).

Atualmente em Aracaju existem mais alguns grupos e ONGs LGBTQIA+ como a CasAmor, a AmoSerTrans (Associação e Movimento Sergipano de Transsexuais e Travesti) e o Gaymado Aju. E ONGs nacionais como a Mães Pela Diversidade e a Rede Nacional de Operadores de Segurança Pública LGBTI+ (RENOSP). Essa movimentação não está presente só na capital, mas também no interior do estado de Sergipe.

As paradas do orgulho tiveram sua origem nas marchas que aconteceram em 1970 depois da revolta de Stonewall, tornaram-se o maior evento do segmento e nos últimos anos, um ato político consolidado, fazendo com que uma vez no ano, a sociedade veja lésbicas, gays, bissexuais, travestis/Transgêneros/transsexuais, Queers, Intersexos e Assexuados tomando as ruas de dezenas de cidades brasileiras como um direito social. O símbolo do movimento, a bandeira arco-íris, foi utilizado pela primeira vez em São Francisco, Califórnia em 1978, Oliveira (2012), sendo adotado oficialmente em 1990.

Como destaca Oliveira (2012), a primeira parada do Orgulho LGBTQIA+ de São Paulo ocorreu em 28 de julho de 1997. Esse evento cresceu e em 2010 atingiu o ranking internacional, sendo uma das maiores paradas do mundo. Em Sergipe a primeira Parada do Orgulho LGBTQIA+ ocorreu na Orla de Atalaia, em julho de 2002, Oliveira (2012,) com a organização feita pela Associação Sergipana de Transgêneros (ASTRA).

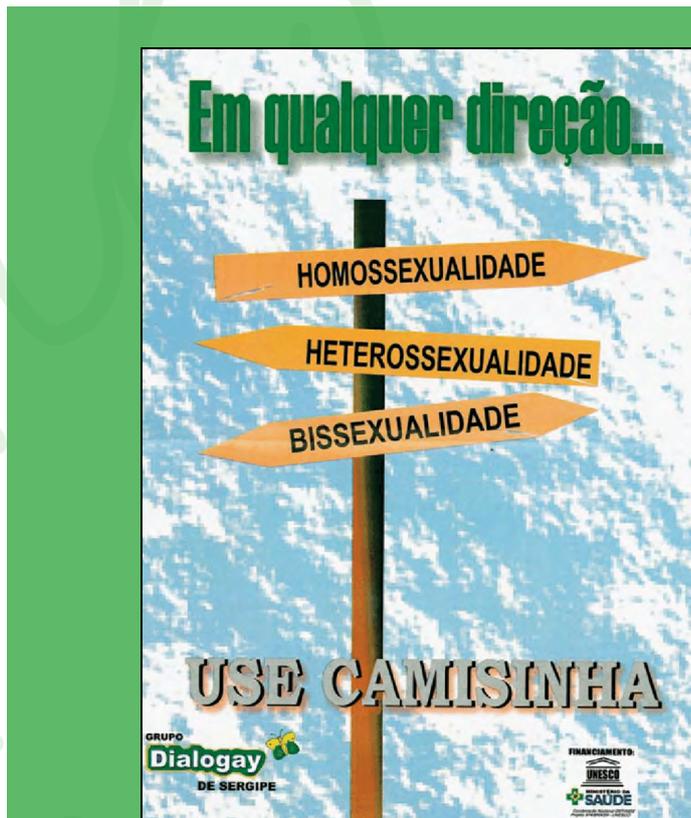


Imagem 20 – Combate ao HIV/AIDS, Grupo Dialogay, 2000.
Fonte: Acesso em: <<https://www.researchgate.net/figure/Figura-6-Campanha-de-combate-ao-HIV-AIDS-do-Dialogay-de-Sergipe>>, janeiro, 2021.

Se faz necessário realizar uma análise dessas manifestações e seus impactos no meio urbano, bem como compreender a relação dessa população, com toda a sua cultura, características e particularidades, o com os espaços das cidades onde foram realizadas. Podendo entender o avanço na utilização desses espaços e a importância das manifestações na luta pelo direito à cidade.

Imagem 21 – Primeira marcha do orgulho LGBTQIA+,1970.

Fonte: Diana Davies, acesso em: <<https://digitalcollections.nypl.org/collections/diana-davies-photographs>>, outubro, 2021.



Imagem 22 – Parada do Orgulho LGBTQIA+ de São Paulo, 2019.

Fonte: O Globo, 2021.



3.1 RELAÇÃO DA POPULAÇÃO LGBTQIA+ E A CIDADE

Sendo baseada na invisibilidade e exclusão da população LGBTQIA+ dos espaços públicos, sendo esses sempre pensados para o corpo masculino e hétero. Toda esse grupo foi direcionada para a ocupação de bairros periféricos e afastados das centralidades urbanas, consequência do urbanismo que planeja a cidade para um ser universal.

Quando os espaços urbanos são heterossexualizados é esperado que seja apresentado como heterossexuais e não como gays e lésbicas. A heterossexualização do espaço urbano ocorre de um modo ao mesmo tempo sutil e aberto, que incluiu o auto-policiamento dos gays e lésbicas, a sua exclusão física de espaços particulares, a manifestação da desaprovação moral, ou a ameaça do uso de violência. Enquanto a heterossexualidade é omnipresente, as identidades homossexuais “em público” são muitas vezes percebidas como tendo saído do seu lugar certo – a esfera privada, a casa, o armário.(VIEIRA apud BRICKELL, 2000, p.163)

Vieira (2010) trata que que a vivência LGBTQIA+ e sua expressão pública em espaço urbano é visto como um “outro”, fora do lugar, só sendo tolerada quando se mantêm no plano e no espaço privado já que essa visibilidade é tida como intolerável. “uma sociedade que coloca lésbicas e gays no “quarto” (dizendo que esta questão é um aspecto estritamente privado) e oprimindo – com as críticas públicas à constituição de guetos urbanos – qualquer forma de visibilidade, e que controla os discursos e espaços de afirmação e visibilidade.” (VIEIRA, 2010, p.108)

Porém essa relação sofreu uma grande mudança quando a comunidade LGBTQIA+ percebeu que o espaço urbano é feito por quem vive o mesmo e a partir de então esse grupo se apropriou dos espaços públicos e começou a mudar a lógica do espaço excludente com suas manifestações para trazer visibilidade e garantir a luta pelos seus direitos.

3.1.1 Revolta de Stonewall

Neste tópico apresentamos a ocupação urbana da revolta de Stonewall relatada anteriormente. Mostrando suas características enquanto ocupação dos espaços públicos da cidade de Nova York, como também, as características da população que formou essa primeira manifestação pública a favor dos direitos da população LGBTQIA+.

Toda essa realidade de apagamento desses corpos, limitação dos direitos de ir e vir, de existir e condicionados a espaços de baixa qualidade, tem como um ponto de virada a revolta de Stonewall que ocorreu nas primeiras horas do dia 28 de julho de 1969 e resultou na primeira marcha em 1970 que ocupou as ruas da cidade de Nova York e a praça Washington Square, ver Mapa 01.

Após um levantamento fotográfico feito pelo autor nos arquivos online da Biblioteca Pública de Nova York, foi possível perceber que a marcha da Rua Christopher teve concentração na praça em frente ao bar Stonewall Inn, passando pela rua Sheridan, chegando e percorrendo a sexta avenida até voltar a Praça Washington Square que era o ponto de encontro onde os manifestantes ocupavam com discursos, música e brincadeiras, levando esses corpos a ocuparem esse espaço público, ver Mapa 01.

Mapa 01 – Bar Stonewall e a Marcha de 1970.
Fonte: Google Maps, modificado pelo autor, 2021.



Essa mudança transformadora de ocupação despertou um sentimento de pertencimento aos espaços públicos e a necessidade de luta e ocupação desses. Embora alguns grupos que defendiam os direitos LGBTQIA+ protestarem publicamente contra esse tipo de tratamento, muitas pessoas mantinham suas vidas em segredo.

Essa experiência revelou para todos que mostrar sua existência passou a ser mais eficaz do que se defender nos seus guetos, revelando o potencial desses estarem sendo vistos e lutando pelo seu lugar dentro da cidade.

A primeira marcha em 1970, essa forma de ocupação tem como configuração uma marcha, onde a população caminha pelas ruas com cartazes e palavras de ordem.

A passagem da marcha por uma grande avenida era uma forma de chamar ainda mais atenção para o movimento para uma população que estava escondida nos seus poucos espaços de socialização.

Fazendo um estudo dos registros fotográficos desses acontecimentos, podemos perceber que o público presente era em sua maioria de jovens adultos, com idades entre 18 e 30 anos, que trazem consigo o espírito de mudança e a força necessária para uma revolução urbana na época.

Esses jovens se apropriam dos espaços da cidade de Nova York com sua cultura e cartazes, os instrumentos musicais também estavam presentes nessas ocupações, sendo uma manifestação chocando para a época.

Eles procuravam romper com essa ci-



Imagem 23 – Tentativa de prisão de jovem gay, 1969.

Imagem 24 – Esquina próxima ao bar Stonewall Inn, 1969.

Imagem 25 e 26 – Primeira marcha do orgulho LGBTQIA+, 1970.

Fonte: Diana Davies, acesso em: <<https://digitalcollections.nypl.org/collections/diana-davies-photographs>>, novembro, 2021.

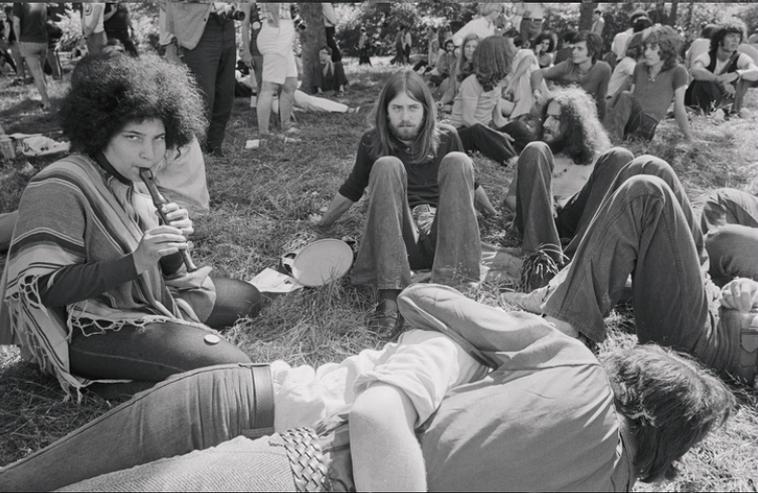


Imagem 27, 28, 29 e 30 – Final da marcha no Parque Washington Square, 1970.

Fonte: Diana Davies, acesso em: <<https://digitalcollections.nypl.org/collections/diana-davies-photographs>>, novembro, 2021.

dade pacífica, apresentando suas cores e jeitos nos espaços públicos. A ocupação da praça ocorreu de forma natural, concentrando todos em um espaço de socialização e um momento de diversão nesses espaços, indo de encontro com a invisibilidade impostas pelos espaços destinados a eles, espaços noturnos, privados e distantes dos centros.

A existência desses corpos desviantes do ser universal já quebrava muitas barreiras impostas pela sociedade. As roupas utilizadas não fugiam muito da moda da época, o que podemos perceber como uma forma de se integrar à sociedade, mostrando que eles não seriam pessoas de outro mundo.

Percebemos assim que essas formas de apropriação dos espaços públicos da cidade, de Stonewall até a primeira marcha do Orgulho, se configurava uma forma chocante para a sociedade da época.

Esse público jovem e sua necessidade de mudança, encontraram uma forma de abordagem que ao mesmo tempo era passiva, sem grande elementos e roupas extravagantes, mas que mesmo assim batia de frente com todo o conservadorismo da época. Trazendo suas existências de forma livre para os espaços da cidade, com suas formas de diversão e ser.

Esses acontecimentos são vistos como um momento revolucionário e decisivo para a apropriações dos espaços públicos e da cidade pela população LGBTQIA+, garantindo um reconhecimento, a luta pelos direitos civis e do direito à cidade, que se espalhou pelo mundo. Mudando a realidade da população que se via

excluída e silenciada, passando a ocupar os lugares que eram negadas as suas existências, alterando a lógica do espaço excludente e do seu entorno intimidador.

Imagem 31 – Concentração da marcha em frente ao Stonewall Inn, 1970.

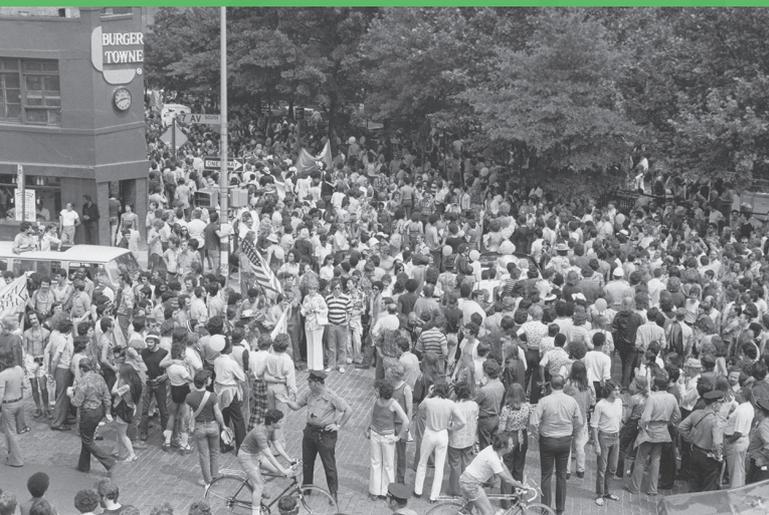


Imagem 32 – Público observando a passagem da primeira marcha, 1970.



Fonte: Diana Davies, acesso em: <<https://digitalcollections.nypl.org/collections/diana-davies-photographs>>, novembro, 2021.

3.1.2 Parada do Orgulho LGBTQIA+

As tão conhecidas Paradas do Orgulho LGBTQIA+ que acontecem no mundo inteiro reunindo milhares de pessoas para celebrar o orgulho, pedir por respeito, diretos e contra todas as formas de preconceito, tiveram seu início na marcha realizada em Nova York em 1970.

Diferente da configuração utilizada no exterior, a cultura das paradas foi adaptada pelo povo brasileiro. Ao invés de realizar uma marcha com todo o caráter político dos cartazes, aqui acontece de uma forma um pouco diferente, sendo realizada uma grande celebração, algo que faz lembrar os grandes carnavais, sempre com muita música e muitas cores. Uma forma de celebrar e enaltecer a cultura LGBTQIA+ e toda a diversidade de pessoas que ela abraça, ao mesmo tempo trazer pautas políticas para a rua, como também as existências que por muitas vezes ficam escondidas da população heteronormativa. Trata-se de um espaço em que a comunidade LGBTQIA+ celebra suas conquistas e relembra suas lutas.

A primeira parada do Orgulho LGBTQIA+ de São Paulo ocorreu em 28 de julho de 1997, com a mobilização de duas mil pessoas, que protestam contra a discriminação e a violência. O tema central foi: Somos muitos, estamos em várias profissões, que procurava dar visibilidade e



Imagem 33 – Primeira Parada do Orgulho, 1997.

Fonte: Acesso em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/>> , novembro, 2021.

Imagem 34 – Vista aérea da Parada de 2016.

Imagem 35 – Público da Parada de 2016.

Imagem 36 – Drag Queen na Parada de 2016.

Fonte: Acesso em: <<https://fotospublicas.com/20a-edicao-da-parada-do-orgulho-lgbt-de-sao-paulo-na-avenida-paulista/>>, novembro, 2021.

sensibilizar a sociedade para o convívio respeitoso com as diferenças.

Naquele mesmo ano, uma parada do Orgulho Gay ocorreu no Rio de Janeiro, em Copacabana, dando início à propagação de eventos do tipo em várias partes do país.

Ano após ano sua mobilização foi ficando cada vez maior e em 2010 atingiu o ranking internacional, tornando-se uma das maiores paradas do mundo, reunindo 3 milhões de pessoas na Avenida Paulista. Sempre ocorrendo na Avenida Paulista, a parada ocupa assim o coração da cidade e um espaço de lazer para os moradores da capital.

Entre alguns temas abordados pela Parada do Orgulho LGBTQIA+ de São Paulo podemos destacar: “Temos Família e Orgulho” da edição de 2004, em 2005 foi “Parceria civil, já. Direitos iguais! Nem mais nem menos”, “Homofobia Mata! Por um Estado Laico de Fato” foi o tema da edição de 2008, “Homofobia tem cura: educação e criminalização.” foi abordado em 2012 e em 2016 o tema foi “Lei de identidade de gênero, já! - Todas as pessoas juntas contra a Transfobia!”.

Esse grande carnaval do orgulho ocupa um espaço público estratégico da cidade de São Paulo, já que a Avenida Paulista tem o hábito de ser fechada aos domingos para o uso apenas dos pedestres, tornando-se um grande parque linear. O ato da Parada nesse espaço é levar essas pautas e existências para um dos locais públicos mais conhecidos da cidade.

Como um grande evento que se tornou a Parada conta com uma grande estrutura, com

vários trios elétricos para artistas nacionais e internacionais. Esse impacto visual do evento não se restringe apenas a decoração presentes nos trios, diversos prédios da avenida vestem as cores do arco-íris para demonstrar seu apoio. Existindo não apenas um impacto da multidão na avenida, mas também um impacto visual presente na arquitetura de um dos maiores cartões postais da cidade de São Paulo.

Em Sergipe a primeira Parada do Orgulho LGBTQIA+ ocorreu na Orla de Atalaia, em julho de 2002, Oliveira (2012) com a organização feita pela Associação Sergipana de Transgêneros (ASTRA).

A Parada no estado de Sergipe segue o mesmo caminho da Parada em São Paulo, com o crescimento do seu público a cada ano. Sempre abordando uma temática relevante para a comunidade LGBTQIA+, alguns dos temas foram: “Direitos Iguais, nem mais nem menos” em 2005, em 2015 o tema foi “Nós também somos família”, já em 2017 “+ amor e nenhum direito a -” foi o tema, “Intolerância gera violência, pela diversidade e contra o conservadorismo” foi o tema da edição de 2018. É possível notar a atuação de diversas entidades durante o percurso, como os testes grátis para HIV/AIDS, a presença da Ordem dos Advogados do Brasil e outras entidades públicas.

A escolha do local escolhido para a realização foi a Orla de Atalaia. Ponto turístico da cidade de Aracaju, esse espaço reúne grande parte da população da capital e quem está visitando. Nessa região estão localizados grande parte dos hotéis, bares e restaurantes, e



Imagem 37 – Bandeira na Av. Paulista, 2016.

Imagem 38 – Edifício na Av. Paulista, 2016.

Fonte: Acesso em: <<https://midianinja.org/news/a-maior-do-mundo-confira-as-imagens-da-23a-parada-do-orgulho-lgbt-de-sp/>>, novembro, 2021.

Imagem 39 – Parada do Orgulho de Sergipe, 2019.

Imagem 40 – Parada do Orgulho de Sergipe, 2019.

Fonte: Acesso em: <<https://www.facebook.com/ParadaLGBTdeSergipe/>>, novembro, 2021.



Imagem 41 – Ação de prevenção de ISTs, 2015.

Imagem 42 – Público da Parada do Orgulho de Sergipe, 2011.

Imagem 43 – Público da Parada do Orgulho de Sergipe, 2015.

Imagem 44 – Público da Parada do Orgulho de Sergipe, 2013.

Fonte: Acesso em: <<https://www.facebook.com/ParadaLGBTdeSergipe/>>, novembro, 2021.

com acesso fácil de transporte público. A Orla de Atalaia e sua praia são frequentadas por um público muito diverso, sendo um dos espaços mais democráticos e acessíveis da capital sergipana.

Levar essa população para um local de grande visibilidade, sendo esse o maior cartão postal da cidade, é mostrar que eles merecem ocupar todos os espaços. E ainda tem o poder de romper a bolha e levar o debate sobre o preconceito e as lutas para um público que normalmente não é tão acessível. Podemos perceber a presença de famílias, idosos, jovens e crianças, todos aproveitando a diversidade e vendo que a cidade pode ser sim democrática e acessível para todos.

E a forma de abordagem como uma grande festa, de forma leve, leva a uma aceitação e abertura maior do restante da população. Trazer vida para os espaços públicos faz com que todos que estão participando sintam um sentimento de pertencimento e apropriação diferente do que estão acostumados.

Com todos os registros fotográficos que o autor teve acesso através de sites, é perceptível que em ambos os eventos existem semelhanças, pois são resultados da forma como são feitas. O seu público é do mais diverso, desde crianças até idosos. Isso representa a proporção que o evento tem, não apenas restringindo a um público mais jovem, mas sendo inclusiva com todos e levando eles a ocuparem esses espaços.

A representação de liberdade que esse evento tem é demonstrada na ocupação desses

corpos na rua, sem medo ou vergonha de serem quem são. essa diversidade também se encontra nas roupas, podemos perceber desde roupas casuais, a pessoas enroladas nas bandeiras LGBTQIA+, outras com fantasias e a presença de Drag Queens a luz do dia com todo o seu brilho. Mostrando que o espaço público tem o potencial de ser um espaço democrático para todas as existências.

O evento não se restringe apenas às pessoas inseridas na comunidade LGBTQIA+, é possível ver a presença de famílias e pessoas que não fazem parte da comunidade, mas que se fazem presente para apoiar o movimento, apoiar as lutas e aproveitar a festa. O evento é acolhido pela cidade e pelos seus moradores como uma pauta coletiva, movida pela empatia que toda essa mobilização causa. A Parada se torna assim um grande evento público, gratuito e aberto a todos.

E assim podemos visualizar o grande sentido da Parada do orgulho LGBTQIA+, é a afirmação espacial dessas pessoas. O pior inimigo é a invisibilidade, afirmar assim sua importância e existência é um ato político e uma tomada do direito à cidade por parte dessa população e seus aliados, resultando na construção de um espaço de sociabilidade e afirmação identitária, rompendo tradição da cidade excludente.

A trajetória LGBTQIA+ está ligada a uma resistência mais alegre e festiva, porque ela envolve liberdade de amar, de identidade e da vida. Pelo menos uma vez ao ano as pessoas dessa comunidade podem viver coisas que não teriam condição de viver plenamente em outros momentos, a Parada surge como afirmação ativa e festiva de resistência na cidade, indo de encontro ao planejamento urbano voltado para o ser universal.

3.1.3 Considerações

Segundo Vieira (2010) uma sociedade que coloca as vivências LGBTQIA+ no “quarto”, como um aspecto estritamente privado, e reprimindo qualquer forma de visibilidade, e que controla os discursos e espaços de afirmação e visibilidade, é uma sociedade que quer esconder os contrastes urbanos, continuando com a propagação de uma cidade sem conflitos, uma cidade cenário, como define Paola Berenstein.

De acordo com Mouffe (2007), toda política hegemônica é baseada em exclusão, realidades que foram reprimidas, e toda ordem hegemônica é suscetível a ser desafiada com práticas contra hegemônicas, que tentam desarticular a ordem existente. A revolta de Stonewall e as Paradas do Orgulho LGBTQIA+ são exemplos de práticas que tentam romper com essa ordenação da cidade, que se faz excludente para parte da sociedade e mais ainda para a população LGBTQIA+.

Vieira (2010) traz como elemento fundamental da análise da espacialidade do movimento LGBTQIA+ o uso que o mesmo faz do espaço público, já que a presença efetiva e visível desses na cidade é um elemento fundamental da construção de uma sociedade onde a diversidade seja encarada como um elemento da própria cidade.

Podemos perceber que a forma violenta com que a população LGBTQIA+ foi levada a ocupar as ruas, depois de perder um dos principais pontos de encontro noturno em 1969, e o surgimento da primeira marcha em 1970 é bem diferente das Paradas da atualidade. A primeira marcha foi feita de uma forma menos chocante em comparação com as Paradas com suas grandes multidões, ornamentação, trios e tudo mais, mas não podemos dizer que não foram chocantes em sua realidade.

Sair dos espaços privados e noturnos, foi uma forma de tentar modificar a realidade de exclusão social que essa população sofreu durante décadas. A maneira como os espaços privados eram vigiados negavam a possibilidade de existência, restringindo assim o poder social de quem sofreu por muito anos e a resistência através do corpo foi uma maneira de trazer visibilidade não só as pessoas mas a sua luta pelo direito de viver a cidade, já que as experiências vividas por esses corpos têm muito a dizer, são o que Paola Berenstein classifica como corpografias urbanas.

“cartografias da vida urbana não espetacular inscritas no corpo do próprio habitante, revelam ou denunciam o que o projeto urbano exclui, pois mostram tudo o que escapa ao projeto espetacular.” (BERENSTEIN, 2008)

Esses eventos tem como objetivo desconstruir o que Manuel Delgado classifica como entorno intimidador, subvertendo a lógica dos espaços excludentes e trazendo um novo uso, ou potencializando os usos democráticos desses espaços urbanos. A forma de trazer esse conflito urbano, que é inerente à cidade, é uma forma alegre e divertida de ocupação dos espaços, derrubando o obstáculo de ser apenas um ato político, mas não deixando de ser um.

“Nesse ponto, a comunidade gay sofreu uma importante evolução: sua atividade foi uma constante luta pela superação de diferentes etapas que levou (como um flâneur perverso) dos lugares fechados ao uso alegre das ruas, da vida noturna à luz do dia, do ‘desvio sexual’ a um novo estilo de vida mais integrado socialmente.”
CORTÉS, 2008, p. 34

Vieira (2010) aborda que o direito à cidade só existe quando há o exercício pleno da cidadania, ou seja, o exercício de todos os direitos humanos que asseguram o bem-estar coletivo dos habitantes, a gestão democrática da cidade, igualdade, a proteção especial de grupos vulneráveis, desenvolvimento urbano equitativo, participação política, direito à segurança pública e

à convivência pacífica, solidária e multicultural.

Percebemos assim a importância dessas intervenções no meio urbano já que essas apropriações legitimam o espaço projetado, como abordado por Lefebvre (2001) que diz que esses espaços públicos são obras construídas diariamente pelas pessoas, e sem esses corpos diversos no meio urbano não é possível a existência de uma cidade democrática.

Essas manifestações têm um papel fundamental na luta para resgatar o direito à cidade e fazendo um contraponto a exclusão urbana e apagamento sofrido pela população LGBTQIA+, que historicamente é afastado da vida pública. Tendo como resultado uma inserção dessa população no meio urbano e construindo uma sociedade e um espaço menos desigual, mais vivo e democrático.

Depois de perceber a relação desses eventos com os espaços públicos das cidades e a apropriação que esse público faz desses espaços, vemos a importância que essas iniciativas tiveram e ainda têm na luta por uma cidade mais igualitária. Assim podemos partir para analisar uma nova configuração de evento que tem como objetivo ocupar espaços públicos e esportivos da cidade e seu impacto na retomada da vida pública da comunidade LGBTQIA+, o foco é o evento Gaymado Aju que acontece na cidade de Aracaju/SE.

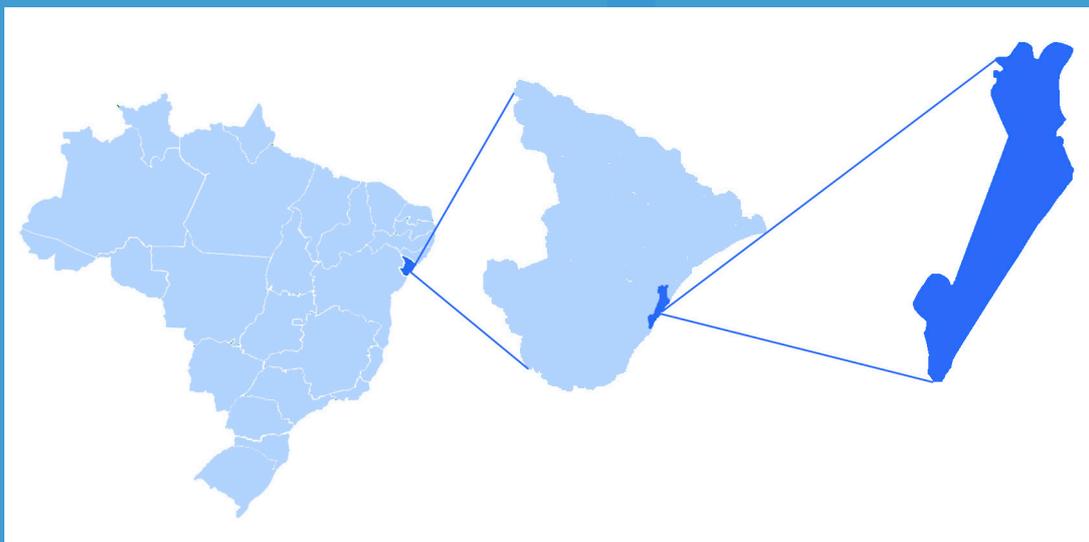
4

O MOVIMENTO GAYMADO

4.1 ARACAJU E SUA POPULAÇÃO LGBTQIA+

Aracaju, capital do estado de Sergipe, tem mais de 570 mil habitantes, de acordo com o Censo 2010, sendo a menor capital do país ⁴. Sua região metropolitana, chamada de Grande Aracaju, é formada pelos municípios da Barra dos Coqueiros, Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão.

Imagem 45 – Localização de Aracaju.



Fonte: Google Maps, modificado pelo autor, 2021.

Aracaju é conhecida por parecer uma cidade do interior e ter a diversidade de uma capital. Recebe o apelido de “A capital da qualidade de vida” por ter um dos menores custos de vida do país, e ser dotada de espaços públicos para os aracajuanos. Tem seu turismo voltado para o lazer contando com grandes shoppings, calçadões do centro da cidade e todo seu comércio, parques que oferecem ótimos espaços para a população e incentivam a prática esportiva, suas praias e o ponto turístico mais conhecido da cidade e cartão postal, a Orla de Atalaia.

Sendo considerada como uma das orlas mais bonitas do país, possuindo aproximadamente seis quilômetros de extensão, dotada de infraestrutura para atender moradores e turistas, além de contar com transporte público e um terminal de ônibus na região. A maioria dos hotéis, bares e restaurantes da cidade estão localizados nessa região.

Além disso, apresenta diversas áreas de lazer, como quadras poliesportivas e de tênis, kartódromo, lagos artificiais, feirinhas regionais, centro cultural e pistas de skate e patins. É um ponto tradicional para os finais de semanas da população da cidade. Nesse espaço também

⁴ Dado retirado do site do IBGE: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?uf=se>. Acesso em: 10 de novembro de 2021 às 15:47.

ocorrem diversos eventos culturais, como por exemplo o Som de Calçada e o Gaymado Aju.

Mesmo em Aracaju existindo uma gama de espaços públicos e privados que potencializam os encontros sociais, não é possível afirmar que esses espaços sejam acolhedores para toda a diversidade de pessoas da cidade e mais perceptível ainda é quando olhamos esse acolhimento dos espaços públicos com a população LGBTQIA+.

Essa realidade da cidade excludente fica evidente no questionário aplicado quando a população LGBTQIA+ informa que mais de 80% deles acham que a cidade não é pensada e projetada para ser inclusiva para todos e por consequência essa mesma maioria informa que a cidade é excludente com a população LGBTQIA+, ver Gráfico 01 e 02⁵, seja pressionando essa população para os bairros e locais mais distantes ou tirando esses da vivência da cidade.

Gráfico 01 – Cidade excludente.

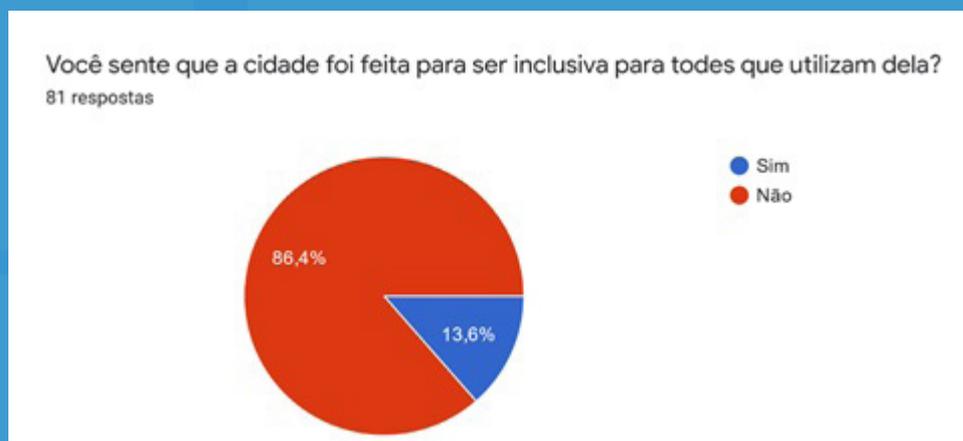
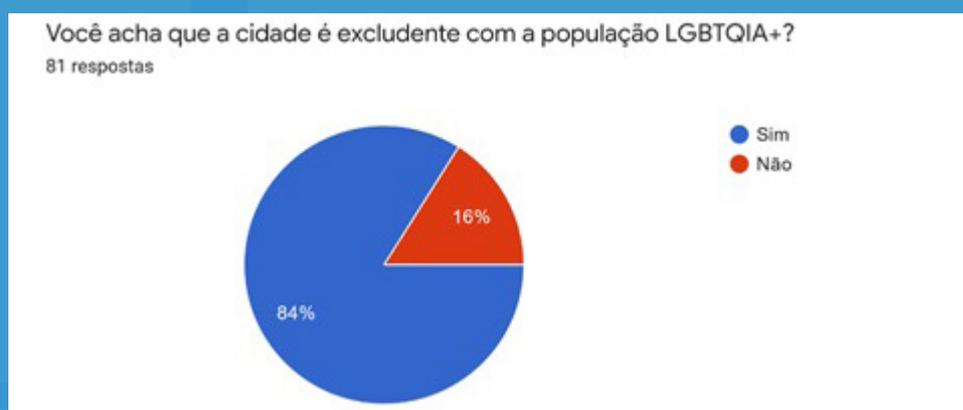


Gráfico 02 – Cidade excludente com população LGBTQIA+.



Fonte: Resultado do Google Formulário feito pelo autor, 2021.

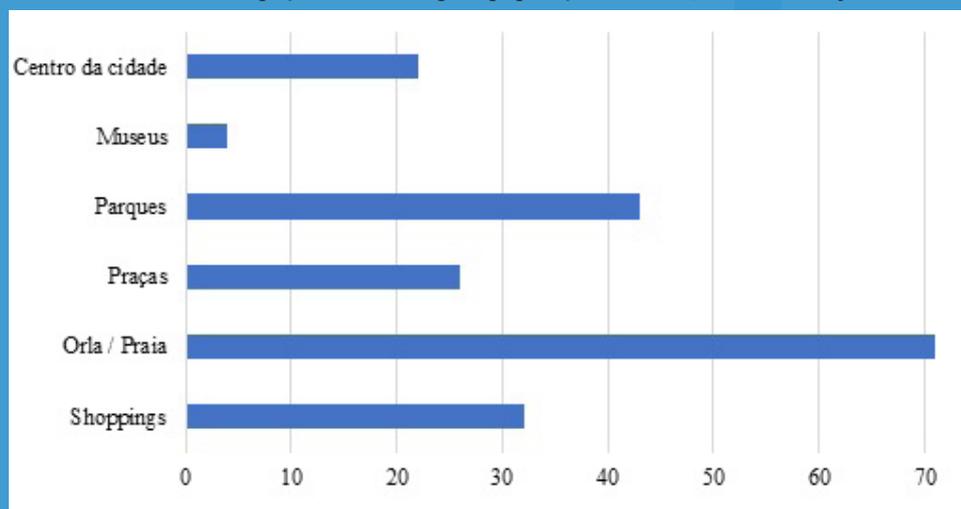
E esse sentimento de não pertencimento desses não universais para qual a cidade não é planejada fica evidente nas escolhas que essa população faz para conseguir criar espaços de socialização e lazer para uma população onde esse direito é negado.

⁵ Os gráficos inseridos nesse capítulo foram feitos com base nas respostas obtidas com os questionários realizados por meio da plataforma Google Formulários e compartilhado de forma online.

A população LGBTQIA+ consegue transitar e utilizar espaços públicos da cidade, mas em nenhum deles pode ser percebida uma utilização em grandes grupos, uma ocupação coletiva, isso é resultante do medo da existência no espaço público face a uma sociedade preconceituosa.

Dentro desses espaços públicos, essa população normalmente escolhe utilizar espaços onde há uma certa segurança, como os shoppings, ou espaços mais abertos e democráticos onde podem vivenciar esse espaço mais livremente, como a Orla, as praias, parques e outros, ver Gráfico 03.

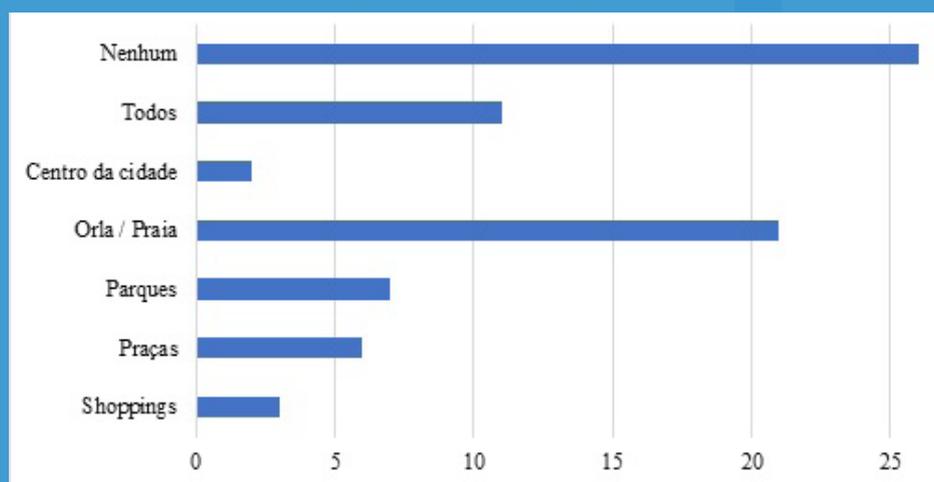
Gráfico 03 – Espaços utilizados pela população LGBTQIA+ de Aracaju.



Fonte: Resultado do Google Formulário feito pelo autor, 2021.

Com base no questionário feito pelo autor com a população LGBTQIA+ que utiliza os espaços públicos de Aracaju, conseguimos perceber que mesmo com a utilização desses espaços essa população não se sente segura em exercer livremente sua maneira de existir, ver Gráfico 04. Fica nítido como a forma que a cidade e seus espaços públicos são planejados interferem diretamente na vida de toda essa comunidade.

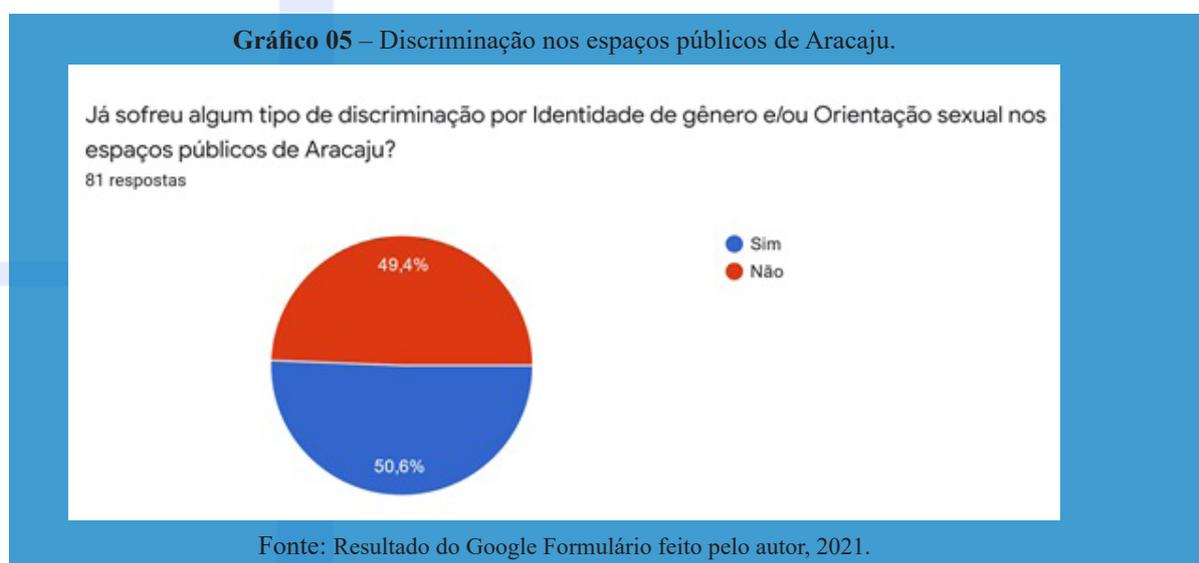
Gráfico 04 – Espaços onde sentem segurança de existir.



Fonte: Resultado do Google Formulário feito pelo autor, 2021.

Os locais onde essa população sente um pouco de liberdade estão diretamente ligados aos espaços públicos amplos e que permitem uma existência mais segura para essas pessoas. O espaço que ganhou destaque na pesquisa realizada foi a Orla de Atalaia e a praia, que se qualificam assim como espaços mais democráticos e abertos à diversidade de existências, demonstrando assim o potencial dos espaços públicos de ainda serem espaços para a construção de uma nova realidade urbana mais igualitária.

Essa não presença da população LGBTQIA+ nos espaços públicos também está diretamente ligada à violência que esses sofrem na sua simples existência. Com base nas respostas foi levantado que praticamente metade das pessoas que responderam o questionário afirmaram que já sofreram algum tipo de discriminação nos espaços públicos que frequentaram em Aracaju, ver Gráfico 05.



Essa realidade preconceituosa juntamente com o planejamento excludente que leva em consideração o ser universal, que é heterossexual, branco, com boa condição física e financeira, leva a construção do que Delgado (2001) chama de um “entorno intimidador”.

Isso leva ao apagamento dessas pessoas e seu direito de vivência dos espaços públicos, sendo uma forma de colocar essa população “dentro do armário”, deixando assim apenas os locais privados como opções de socialização segura dentro do urbano.

Para essa população são destinados os espaços privados e noturnos. Onde sua utilização está relacionada às casas noturnas. O resultado do questionário mostra que mais de 80% respondeu que utiliza os espaços privados destinados ao público LGBTQIA+ e 92% se sentem mais seguros quando estão nesses espaços, ver gráfico 06 e 07.

A criação desses guetos urbanos de socialização LGBTQIA+ não é apenas de livre escolha desses, é um reflexo do não pertencimento aos espaços públicos e a não segurança quando

estão nos espaços da cidade.

Gráfico 06 – Utilização dos espaços privados de Aracaju.

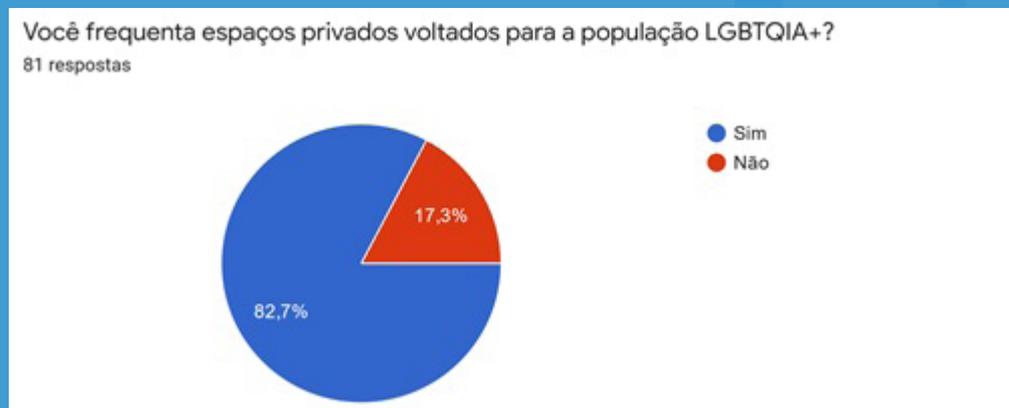
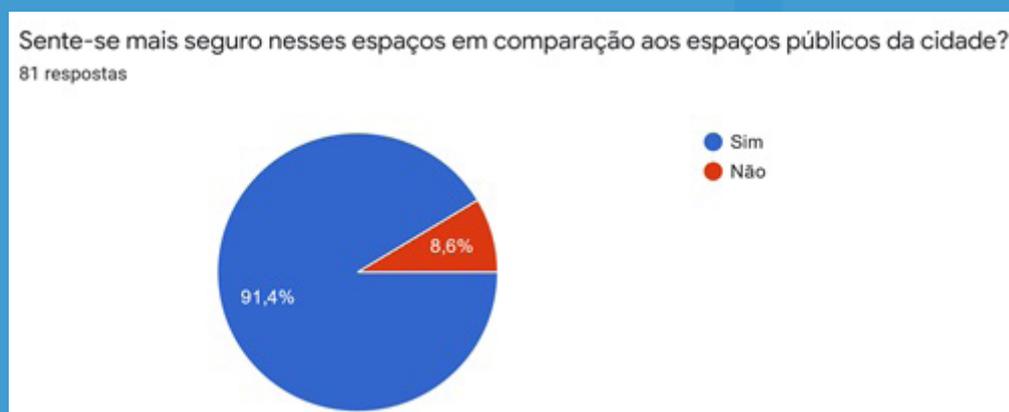


Gráfico 07 – Segurança nos espaços privados de Aracaju.



Fonte: Resultado do Google Formulário feito pelo autor, 2021.

Essa acaba sendo a única saída para uma vivência livre, podemos destacar que vimos aqui que essa invisibilidade e direcionamento para espaços fechados está presente desde Stonewall em 1969.

Todas essas conclusões acabam resultando em um espaço público menos diverso e assim menos democrático. Onde ainda existe o estigma que os espaços destinados ao público LGBTQIA+ são os espaços noturnos e privados. Podemos perceber que dentro da cidade de Aracaju essa é uma realidade nítida quando olhamos os espaços que essa população utiliza dentro da cidade.

Os espaços públicos destacados estão relacionados às respostas do questionário, bem como a presença dos eventos que ocorrem atualmente e são voltados à população LGBTQIA+, existindo assim a divulgação de forma pública e que foram levantados através de pesquisas on-line feitas pelo autor, ver Mapa 02. É necessário ressaltar que existem eventos e encontros da população LGBTQIA+, mas esses encontros acontecem de maneira secreta e com sigilo de seus participantes, sendo assim, esses eventos secretos não são objetos de estudos deste trabalho.

Mapa 02

Aracaju Espaços Utilizados pela População LGBTQIA+ 2021



Elaboração: Matheus Meira, 2021. Base Cartográfica: SEPLOG/PMA, 2019. Limite de Bairros: SEPLOG/PMA, 2019.

Nesse mapeamento de locais frequentados pela população LGBTQIA+ foi detectada a existência de uma concentração de eventos voltados para a população LGBTQIA+ no bairro da Atalaia, sendo esse o bairro onde está localizada a Orla de Atalaia. Esses espaços também estão presentes em bairros próximos como o bairro da Farolândia, Coroa do Meio, Jardins e 13 de Julho. Todos esses sendo bairros da Zona Sul da capital sergipana. Durante o levantamento não foi encontrado nenhum evento voltado para essa população e que ocorresse na periferia da cidade.

Essa concentração leva a uma desigualdade de acesso a espaços de socialização para essa comunidade, pois quando só há a existência de eventos voltados para a população LGBTQIA+ nos bairros da Zona Sul, mais elitizados, se faz necessário o deslocamento daqueles que moram em bairros mais distantes para poderem usufruir desses espaços. Porém existem pessoas que não tem condições de arcar com esse deslocamento, ainda mais se ele for feito a noite.

E essa realidade de concentração dos eventos voltados para a população LGBTQIA+ fica mais evidente quando retiramos do mapa os espaços públicos e semiprivados que também são utilizados por essa população. Resultando assim uma centralidade de eventos nos bairros da Atalaia e Coroa do Meio. Dentro desse circuito de entretenimento LGBTQIA+ podemos perceber que a grande maioria tem o seu funcionamento noturno, ver Mapa 03.

Esse mapa mostra que exceto por dois eventos, a Parada do Orgulho LGBTQIA+ de Sergipe e o Gaymado Aju, esses ocorrendo uma vez ao ano e o outro uma vez por mês, respectivamente, todas as outras opções destinada a população LGBTQIA+ acontecem de forma noturna e em espaços privados. Levando essa comunidade a continuar em seus guetos noturnos.

Percebemos assim que essa população é carente de um espaço de diversão e socialização, que aconteçam de maneira diurna. Fazendo frente aos eventos particulares que acontecem a noite e que acabam levando a esses corpos a continuarem se escondendo nas casas noturnas. Essa realidade de tornar esse grupo social invisível é uma forma de negar o direito à cidade e a vivência dos seus espaços, resultando em uma cidade menos democrática e igualitária.

Mesmo com todos esses eventos acontecendo para o público LGBTQIA+ se faz necessário o questionamento de para quem eles estão sendo acessíveis. Com base no levantamento feito pelo autor, a grande maioria dos eventos voltados para esse grupo são pagos, ver Mapa 04. Vemos assim que todos os eventos que acontecem de forma noturna também são os mesmo onde o acesso se dá através de pagamento de entrada.

Sabendo que esses espaços estão concentrados em bairros da Zona Sul de Aracaju, percebemos que se faz necessário o deslocamento da população LGBTQIA+ para esses eventos. A segregação de acesso desses espaços fica evidente quando essa necessidade de locomoção a noite muitas vezes não pode ser realizada utilizando o transporte público, seja por questões de

Mapa 03

Aracaju
Turnos dos Eventos
LGBTQIA+
2021

Hidrografia 

Limites municipais 

Delimitação de bairros 

Vias-aju 

Eventos Diurnos 

Eventos Noturnos 

- 1 - Gaymado Aju no Calçadão da Av. 13 de Julho
- 2 - Gaymado Aju na Orla de Atalaia / Segunda Quadra
- 3 - Gaymado Aju na Orla de Atalaia / Primeira Quadra
- 4 - Parada do Orgulho LGBTQIA+ de Sergipe
- 5 - Tequila Café
- 6 - Vegas Karaokê
- 7- Eleven Poker Music Bar
- 8 - Talhado Club
- 9 - Sky Club
- 10 - Macaw
- 11 - Caiena Thermas
- 12 - DOCA



Elaboração: Matheus Meira, 2021. Base Cartográfica: SEPLOG/PMA, 2019. Limite de Bairros: SEPLOG/PMA, 2019.

segurança ou por não ter acesso fácil do transporte público a esses eventos.

O fato da maioria dos eventos que tem como público alvo a população LGBTQIA+ só ocorrem a noite já é uma problemática por relacionar essa vivência aos espaços noturnos, levando a um imaginário de que os espaços públicos não são de pertencimento desse grupo social.

Essa realidade aliada com o fato de que esses espaços não são gratuitos estimula ainda mais a segregação social, onde os moradores LGBTQIA+ de bairros distantes têm todas essas barreiras para estar em um espaço de socialização, desde o transporte até o acesso a esses espaços.

O gueto LGBTQIA+ é um espaço consolidado e que serve como base e uma rede de apoio para fugir da realidade urbana excludente e violenta, sendo necessária a manutenção desses espaços. Porém se faz mais necessário ainda o questionamento quanto aos espaços da cidade, mostrar que essa população tem o direito à cidade e a utilização desses espaços, que a lógica da cidade pacífica, tem que dar lugar aos corpos conflitantes da cidade.

Sendo de extrema importância iniciativas como a Parada do Orgulho LGBTQIA+ de Sergipe e o Gaymado Aju que vem trazendo a utilização dos espaços públicos da cidade como um ponto de encontro e socialização, quebrando esse ciclo de apagamento da população LGBTQIA+, já que ambos acontecem de forma gratuita e a luz do dia. Mostrando assim o potencial de utilização dos espaço público por iniciativas que integrem esses corpos a paisagem da cidade e assim abordam temas como o direito à cidade e a luta por uma cidade mais justa, democrática e diversa.

Mapa 04

Aracaju
Acesso aos Eventos
LGBTQIA+
2021

Hidrografia 

Limites municipais 

Delimitação de bairros 

Vias-aju 

Eventos Gratuitos 

Eventos Pagos 

- 1 - Gaymado Aju no Calçadão da Av. 13 de Julho
- 2 - Gaymado Aju na Orla de Atalaia / Segunda Quadra
- 3 - Gaymado Aju na Orla de Atalaia / Primeira Quadra
- 4 - Parada do Orgulho LGBTQIA+ de Sergipe
- 5 - Tequila Café
- 6 - Vegas Karaokê
- 7- Eleven Poker Music Bar
- 8 - Talhado Club
- 9 - Sky Club
- 10 - Macaw
- 11 - Caiena Thermas
- 12 - DOCA



Elaboração: Matheus Meira, 2021. Base Cartográfica: SEPLOG/PMA, 2019. Limite de Bairros: SEPLOG/PMA, 2019.

4.2 GAYMADO AJU

Durante anos, boa parte da comunidade LGBTQIA+, se manteve “dentro do armário”, ou seja, evitou se expor publicamente. Aos poucos, eles passaram a ocupar pequenos territórios públicos, como praças e parques, onde podiam se encontrar e expressar sua sexualidade.

Espaços públicos são territórios de encontros e manifestações, coletivas e individuais. Quando nos referimos às ruas e demais espaços públicos de uma cidade estamos falando da própria identidade da cidade. É nesses espaços que se manifestam as trocas e relações humanas, a diversidade de uso, os conflitos e contradições da sociedade. Quanto mais diversificados e vivos os espaços de uma cidade, menos desigual e mais rica e democrática se torna a sociedade. Os lugares são resultados de processos sociais que condicionam a sua utilização, dando poder aos usuários de criarem esses lugares e de também dar um novo significado.

De acordo com Cortés (2008), não existe um espaço naturalmente heteronormativo ou LGBTQIA+, o que se reflete é a utilização histórica por determinado grupo e que por padrões e regras sociais acabaram excluindo determinados grupos desses espaços. Condicionando assim a surgir espaços que são chamados de heteronormativos, definido pela ocupação histórica desse grupo.

Hoje há diversas iniciativas espalhadas pelo país que colocam a causa LGBTQIA+ em destaque, dentro dessas atuações podemos destacar o movimento intitulado Gaymado, que resgata uma tradicional brincadeira infantil, que dependendo da região pode ser conhecido como queimado, queimada, baleado e outros, como forma de ocupação de espaços na cidade, que historicamente são heteronormativos, a fim de reunir toda a comunidade em um evento de resistência no espaço urbano.

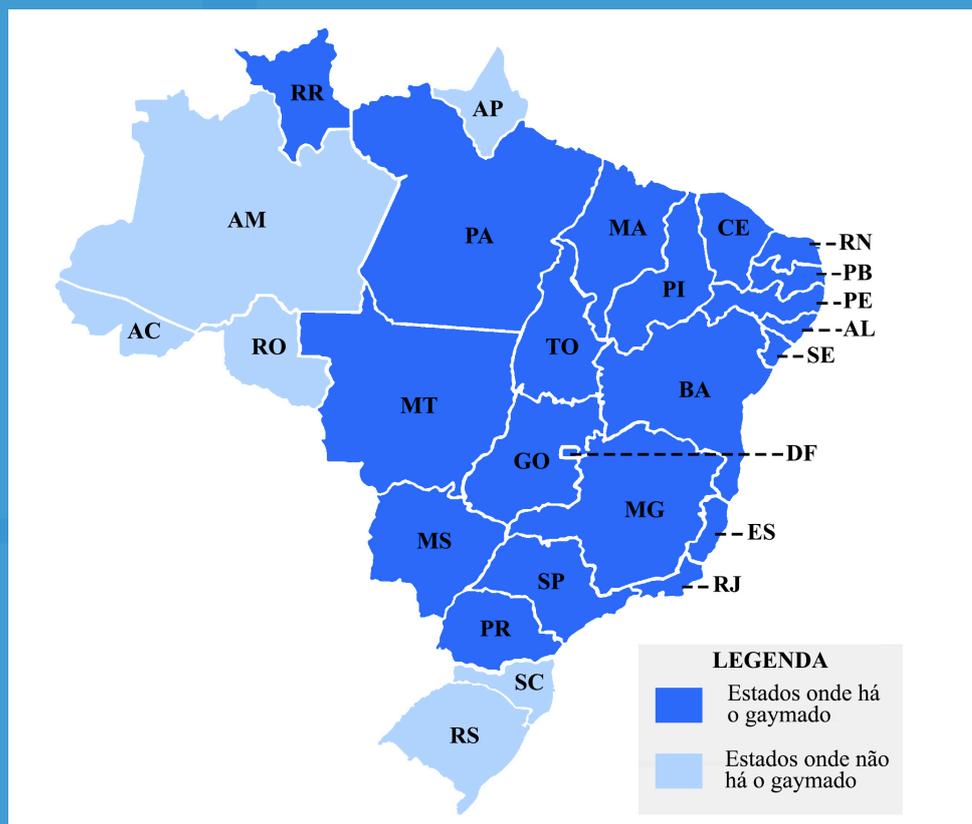
O nome surge através de um trocadilho entre o “queimado” e a utilização do termo “gay” para trazendo toda a representatividade dessa manifestação, já que a maioria do público LGBTQIA+ teve certa afinidade com essa brincadeira durante a infância e assim surge o nome “Gaymado”.

Segundo Mouffe (2007), essas manifestações artísticas se encontram em uma nova situação, com uma abertura para diferentes estratégias de oposição à cultura de controle e que permeiam vários espaços sociais, permitindo à sociedade um exercício crítico da visão imposta de um imaginário ideal de vivência dos espaços.

Tem início assim um movimento para que a comunidade LGBTQIA+ não precise restringir os encontros apenas aos espaços privados, fechados e noturnos. A proposta do evento é libertária e política, com o objetivo de unir a comunidade em um momento de descontração, promover a diversidade e incentivar a ocupação de locais públicos da cidade.

Não se sabe ao certo onde teve início o movimento do Gaymado no Brasil, o registro mais antigo do uso dessa prática esportiva como forma de resistência é pelo Grupo Gaymado que desde fevereiro de 2005 se reúnem na zona oeste de Recife/PE. Através de um levantamento foi percebido que esse movimento se espalhou pelo país, ver Mapa 05, presente em vários estados com uma ocorrência muito mais forte nas capitais, de acordo com a pesquisa realizada pelo autor em notícias e redes sociais.

Mapa 05 – Atuação do Gaymado no Brasil.



Fonte: Google Maps, modificado pelo autor, 2021.

O evento tem como princípios a ocupação de espaços públicos, com foco nos espaços esportivos, com o objetivo da tomada dos espaços públicos é romper com a lógica de um espaço heteronormativo e excludente, levando essa população a pensar suas ocupações na cidade, lutando pelos direitos e o combate ao preconceito e discriminação. Tirando esses corpos dos espaços invisíveis e fazendo serem vistos.

Outro princípio é que eles ocorram a luz do dia, como as Paradas do Orgulho LGBTQIA+, para quebrar o estereótipo de que os espaços da cidade destinados para essa população são os espaços noturnos, uma forma de esconder essa população dos espaços públicos enquanto os corpos socialmente aceitos possam utilizar dos espaços sem nenhum conflito urbano, apagando assim realidades urbanas.

Outra base do evento é que ele ocorra de forma gratuita e aberta para garantir a inclu-

são da grande maioria da comunidade LGBTQIA+ possa participar desse evento que cria um espaço de socialização, diferente dos espaços privados onde normalmente há alguma taxa de entrada.

Os efeitos desses eventos evidenciam um fortalecimento da comunidade com a criação de uma rede de pessoas que ocupam espaços historicamente protagonizados pelo público heterossexual, desenvolvendo uma atividade de promoção de resistência e representatividade de uma comunidade socialmente excluída.

Imagem 46 – Gaymado Recife, 2017.

Fonte: Acesso em: <<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/gaymado-no-recife-ha-12-anos>>, novembro, 2021.



Imagem 47 – Gaymado Rio, 2015.

Fonte: Acesso em: <<https://www.vice.com/pt/article/qkd5g3/teve-gaymado-das-afeminadas-e-pique-bandeira-sim>>, novembro, 2021.



Imagem 48 – Gaymada SP, 2016.

Fonte: Acesso em: <https://pt-br.facebook.com/pg/gaymadaSP/photos/?ref=page_internal>, novembro, 2021.



Imagem 49 – Gaymado BH, 2019.

Fonte: Acesso em: <<https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/tradicional-gaymada-lgbt-imagens-1.729272>>, novembro, 2021.

O Gaymado Aju surge com base nos modelos que já existiam em outras capitais do país e a discussão entre o autor e uma amiga, ambos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Sergipe, sobre os eventos abertos que já aconteciam e movimentavam a cidade como novas formas de entretenimento, como por exemplo o Som de Calçada, que ocorria na Orla de Atalaia, e o Sarau de Baixo, que acontecia no vão do Viaduto do D.I.A., e a necessidade de ter um evento voltado estritamente para o público LGBTQIA+.

O questionamento acerca da necessidade de um evento aberto, gratuito e voltado para essa população foi tomando corpo. Levando em consideração que a grande maioria dos eventos que aconteciam voltados para esse público ocorriam à noite e em locais privados, e que parte dessa população está localizada em bairros e cidades distantes da centralidade desses eventos. Este fator confirma a exclusão e seletividade desses espaços, já que muitos não poderiam arcar com os custos de transporte. O único evento que ocorria seguindo parâmetros parecidos com o do Gaymado é a Parada do Orgulho LGBTQIA+ de Sergipe que ocorre desde 2002 na Orla de Atalaia, em Aracaju.

O motivo da Parada do Orgulho acontecer na Orla de Atalaia foi um dos aspectos para a escolha desse local na primeira edição, já que essa ocupação poderia despertar um sentimento de pertencimento a esse espaço, sentimento necessário para uma primeira iniciativa. Esse local também é dotado de infraestrutura, fácil acesso dos transportes públicos, e dotada de quadras e equipamentos esportivos, além de ser um local de lazer para boa parte da população aracajuana.

Assim foi decidido a utilização do nome “Gaymado” e acrescentar o termo “Aju”, em referência a cidade de Aracaju. O primeiro evento foi realizado no dia 19 de dezembro de 2017, sendo organizado pelas redes sociais com o lançamento de um evento público no Facebook e divulgação em outras redes. O primeiro Gaymado Aju ocorreu de forma simples e com o comparecimento de amigos e algumas pessoas que viram a divulgação online.

Imagem 50 – Gaymado Aju Setembro Amarelo.



Imagem 51 – Gaymado Aju Aniversário 2 anos.



Imagem 52 – Gaymado Aju Prevenção.



Hoje a equipe do Gaymado Aju é composta por sete integrantes que estão divididos em campos de atuação para a preparação do evento presencial. Entre essas atribuições estão: comprar água e ingredientes para a preparação dos geladinhos, desenvolvimento das artes temáticas, cuidar e divulgar as mídias nas redes sociais, preparação da playlist de músicas para cada mês, compra da decoração e outras atividades que forem necessárias. Uma semana após a realização de cada edição há uma reunião da equipe para desenvolver e alinhar a equipe para a próxima edição, como escolha de data, tema e local.

O evento acontece uma vez por mês, sempre no final de semana, e cada edição do evento conta com uma temática, que vai desde questões de saúde física e mental da comunidade como temáticas de festas e culturas LGBTQIA+. O evento é divulgado através de um marketing digital, por meio da plataforma do Instagram, Facebook e WhatsApp, com a divulgação prévia por meio de uma linguagem atrativa para o público. No dia evento, a quadra é preparada horas antes, com decoração temática daquela edição, equipamento de som e microfone, e ainda produtos para venda como: geladinhos, água, e outros, que colaboram para a manutenção do evento.

O jogo, que pode ser conhecido como queimado, queimada, baleado e outros nomes dependendo da região, consiste em dois times com cerca de dez a quinze jogadores de cada lado da quadra, o objetivo é acertar todos os jogadores do time adversário, chamado de “queimar” o jogador, onde esse vai para o final da quadra do adversário. Ganha o jogo o time que conseguir primeiro “queimar” todos os jogadores do outro time. Os participantes que não se sentem à vontade para jogar ficam livres para dançar ou acompanhar a partida e torcer para algum time, enquanto conhecem e conversam com outras pessoas, criando um local de socialização

O Gaymado Aju acontece das 14h até às 19h, quando o evento está na metade é feita uma pausa para uma foto com todos os participantes e quando o evento tem alguma temática,

Imagem 53 – Gaymado Aju na primeira quadra.

Fonte: Arquivos do Gaymado Aju, 2021.



Imagem 54 – Gaymado Aju na segunda quadra.

Fonte: Arquivos do Gaymado Aju, 2021.



como por exemplo a prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis, ISTs, é o momento que reunimos todos para abordar a temática e conversar com os participantes, passando as informações que a equipe reuniu nas pesquisas realizadas antes do evento e em contato com profissionais. Na edição de ISTs que ocorreu dia 13 de janeiro de 2019, houve a distribuição de kits com preservativos masculinos e femininos, panfletos informativos sobre as infecções e locais na cidade para a realização de exames gratuitos. Por fim, todo o evento é sempre fotografado, gerando assim um material para publicações nas redes sociais.

Imagem 55 – Pausa do Gaymado Aju para conversar.



Fonte: Arquivos do Gaymado Aju, 2021.

O objetivo do evento é suprir a necessidade da população LGBTQIA+ de Aracaju por um espaço de encontro e socialização que seja gratuito e seguro, que aconteça durante o dia, rompendo assim a bolha dos espaços noturnos e privados, levando esses para espaços públicos e mostrando que os espaços da cidade podem e devem ser ocupados por eles, tentando assim garantir que essa comunidade tenha liberdade de ser e existir dentro da cidade. A ocupação desses espaços tentam romper com a lógica do espaço excludente, pregando um direito à cidade, apresentando não só para quem participa, mas também para os passantes que a cidade é diversa e que os corpos LGBTQIA+ existem e estão na luta de ocupar os espaços que são negados a essa população.

“O desenvolvimento de lugares de encontro ou a organização de atividades materiais e psicológicas tem a função de apoiá-los em sua vida cotidiana, bem como de incentivá-los a viver sua sexualidade livremente.” (CORTÉS, 2008, p. 174)

A primeira edição, que ocorreu sem tema, foi em dezembro de 2017 e teve um público de aproximadamente quarenta e duas pessoas, uma aceitação boa para um evento que começou sem grandes pretensões. A segunda edição teve como temática “Summer Edition”, que já contava com algumas decorações na quadra e ocorreu em janeiro de 2018, essa foi a edição com maior público, chegando a aproximadamente noventa pessoas. O evento foi bem aceito pela comunidade o que resultou no evento acontecendo mensalmente e a cada edição a decoração foi sendo um ponto mais presente. Da segunda edição em diante o público se manteve em torno de aproximadamente quarenta pessoas.

A escolha da Orla de Atalaia foi um ponto chave para a consolidação do evento com o público. O espaço é de fácil acesso a todos os moradores da Grande Aracaju e contém os espaços públicos bem equipados o que favoreceu a utilização desses, como também a disponibilidade pública de energia, ponto importante para o evento, para a utilização do equipamento de som. A primeira quadra utilizada, que está localizada próximo ao ponto fixo do Corpo de Bombeiros, foi escolhida por ter acesso a energia, um bom espaço para os jogos e um ótimo espaço gramado para aqueles que não queriam jogar poderem ficar aproveitando o evento.

Depois de um tempo a quadra foi fechada para reforma e foi necessário procurar uma outra quadra com os mesmos atributos, assim o Gaymado Aju começou a ser realizado



Imagem 56 – Primeira edição do Gaymado Aju, 2017.

Imagem 57 – Primeira edição do Gaymado Aju, 2017.

Imagem 58 – Segunda edição do Gaymado Aju, 2018.

Imagem 59 – Segunda edição do Gaymado Aju, 2018.

Fonte: Arquivos do Gaymado Aju, 2021.

Mapa 06

Aracaju
Quadras Utilizadas pelo
Gaymado Aju
2021

Hidrografia 

Limites municipais 

Delimitação de bairros 

Vias-aju 

Gaymado Aju 

- 1 - Gaymado Aju no Calçadão da Av. 13 de Julho
- 2 - Gaymado Aju na Orla de Atalaia / Segunda Quadra
- 3 - Gaymado Aju na Orla de Atalaia / Primeira Quadra



Elaboração: Matheus Meira, 2021. Base Cartográfica: SEPLOG/PMA, 2019. Limite de Bairros: SEPLOG/PMA, 2019.

em uma quadra próxima ao Monumento aos Formadores da Nacionalidade. Nesse mesmo tempo, a equipe sentiu a necessidade de levar o evento para explorar outras regiões. Foi assim que o evento também começou a utilizar a quadra no calçadão da Avenida 13 de Julho, localizado em um bairro nobre da capital e que para muitos era apenas um ponto de passagem, ver Mapa 06.

Essa movimentação do evento para a ocupação de outros espaços públicos esportivos da cidade tinha como objetivo criar nos participantes o sentimento de pertencimento a esses espaços, não só na Orla de Atalaia que já tem uma relação com o público LGBTQIA+, mas também ao calçadão da Avenida 13 de Julho, espaços públicos que foram projetados para atender um público específico da sociedade e gerando uma problemática na vivência de outros corpos que não foram pensados no planejamento do espaço. Se tornando uma movimentação política e de apropriação dos espaços da cidade para garantir o direito a esses espaços públicos, tentado romper com a espetacularização da cidade.

Há diferenças entre as duas ocupações, durante a observação dos eventos foi perceptível que as edições realizadas na Avenida 13 de Julho tiveram uma aceitação do público que resultou assim em um número menor de participantes, em comparação com as edições realizadas na Orla de Atalaia. A infraestrutura das duas localidades é semelhante e não resultou em mudanças no evento.

Enquanto os jogos realizados na Orla de Atalaia contam com quarenta participantes ou mais, os jogos realizados na quadra da Avenida 13 de Julho só conseguem reunir em torno de vinte e cinco a trinta pessoas. Essa diferença pode ser resultado das próprias características dos locais, enquanto o calçadão da avenida é utilizado para as práticas esportivas, como caminhadas por moradores da região, não há uma existência de um pertencimento ao local.

Já a Orla de Atalaia tem um uso mais diversificado e assim mais democrático. É possível ver usos diversos que vão desde práticas esportivas, como também a utilização de bares, espaços para piquenique e a utilização da praia. Assim esse espaço por ser mais acessível há uma relação com o público, criando um sentimento de pertencimento a esse espaço, já que a Orla de Atalaia é um ponto de encontro de todo o público da cidade, não sendo restrito apenas a utilização pelos moradores da região.

Durante a pesquisa realizada pelo autor nos arquivos do Gaymado Aju não foram encontradas fotos gerais do evento e a utilização da quadra e entorno durante o evento, para utilização como exemplificação da quantidade de participantes nas duas localidades. Os espaços não contêm significados inerentes a eles mesmo; ao contrário, tais significados lhes são dados pelas diferentes atividades neles realizadas pelos diferentes atores.” (CORTÉS, 2008, p. 33)

Durante o questionário aplicado pelo autor de forma online, foi perguntado se antes das



Imagem 60 – Gaymado Aju na Orla de Atalaia, 2018.
Fonte: Arquivos do Gaymado Aju, 2021.



Imagem 61 – Gaymado Aju na Av. 13 de Julho, 2018.
Fonte: Arquivos do Gaymado Aju, 2021.

ocupações promovidas pelo Gaymado Aju os entrevistados se sentiam pertencentes a esses espaços e o resultado foi que mais de 80% responderam que não se sentiam pertencentes. A outra pergunta foi se após os eventos que ocorreram nessas localidades o sentimento de pertencimento tinha sido alterado, a resposta de mais de 60% foi que sim, ver Gráfico 08 e 09.

Percebemos assim que essa presença promovida pelo Gaymado Aju nos espaços públicos da cidade alteram a percepção de pertencimento a esses espaços, transformando esses em lugares com memórias afetivas nos participantes, o que pode resultar em um cuidado maior com esses espaços, além de promover a inclusão dessas realidades divergentes do padrão heteronor-

Gráfico 08 – Pertencimento aos espaços utilizados.

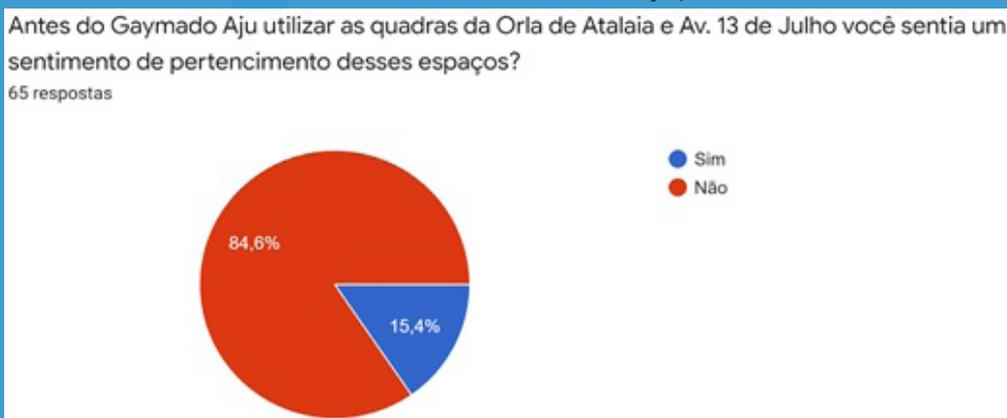


Gráfico 09 – Mudança do pertencimento aos espaços utilizados.



Fonte: Resultado do Google Formulário feito pelo autor, 2021.

mativo imposto pelo planejamento urbano que toma esse ser universal como única realidade do espaço. Essa mudança é um caminho para a luta por uma cidade mais democrática e diversa, uma maneira de retomar a vivência dessa população que historicamente foi apagada da vida pública, uma forma de lutar pelo direito à cidade.

A ocupação promovida pelo Gaymado Aju é divergente da ocupação promovida pela Parada do Orgulho LGBTQIA+ de Sergipe, apesar de utilizar o mesmo espaço. Usando as imagens do acervo do Gaymado Aju que o autor teve acesso, é perceptível a diferença de ocupação. A Parada do Orgulho traz uma apropriação festiva, com uma grande quantidade de pessoas diversas e que procuram o evento para celebrar suas vitórias, cultura e lembrar das suas lutas. A Parada acontece apenas um dia no ano para essa celebração, podemos perceber as mais diversas roupas, desde roupas comuns para um espaço litorâneo até Drag Queens com todo o seu glamour. Os trios Elétricos arrastam todos em uma marcha de orgulho e luta, um grito contra o preconceito, quebrando a rotina comum daquele espaço, uma ocupação para chamar atenção para a sua pauta.

O Gaymado Aju vem com uma conformação mais comum, promovendo uma ocupação mais pacífica dentro do espaço público, mas não menos incisiva na sua proposta. A ocupação não se dá apenas pelos corpos, mas também por uma decoração temática que varia de acordo com o mês e a presença constante da



Imagem 62 – Gaymado Aju, decoração do orgulho.
Imagem 63 – Gaymado Aju, decoração setembro amarelo.
Imagem 64 – Gaymado Aju, decoração de 2 anos.
Fonte: Arquivos do Gaymado Aju, 2021.
Imagem 65 – Gaymado Aju, decoração da prevenção.
Fonte: Yago Andrade, arquivos do Gaymado Aju, 2021.

bandeira do orgulho, sempre hasteada no alto da quadra simbolizando o orgulho e comunicando de forma rápida quem está utilizando o espaço e também chamando atenção das pessoas que passam pela região. A decoração tem como base a bandeira do orgulho, bexigas e tecidos, alguns elementos decorativos são comprados em especial para alguns temas como o Halloween, aniversário e carnaval.

A ocupação realizada pelo Gaymado Aju é bem diferente das ocupações que foram apresentadas anteriormente, tanto a Revolta de Stonewall e a primeira Marcha, como também as atuais Paradas do Orgulho. Enquanto esses eventos promovem uma ocupação em movimento, percorrendo espaços públicos, o Gaymado Aju tem uma ocupação fixa durante a sua realização, a edição acontece apenas em uma quadra, como um encontro de pessoas para socialização. Alguns pontos tem relação com os eventos, a decoração que dá a temática do mês e também tem como propósito chamar atenção de quem está transitando na região. A semelhança com a primeira Marcha de 1970 é a ocupação proposta do parque Washington Square com brincadeiras, som e o ato político mais representativo, a visibilidade desses corpos invisibilizados, O Gaymado Aju tem essa proposta de ser uma ocupação mais pacífica, onde o centro temos o jogo de queimado, e todo um espaço para os participantes poderem conversar e ouvir música.

A realização do Gaymado Aju nesses espaços públicos movimentados, principalmente a Orla de Atalaia, tem o poder de impactar a vivência da comunidade LGBTQIA+, criando um evento que utiliza os espaços esportivos e de maneira diurna, algo que ocorria apenas durante a Parada do Orgulho LGBTQIA+ de Sergipe, como ao mesmo tempo tem o impacto social nas pessoas que estão passando pela região.

Na Avenida 13 de Julho o público passante é um pouco menor quando comparado com a Orla, durante a observação durante as edições realizadas do evento na Avenida 13 de Julho foi possível notar que a maioria dos passantes estavam realizando atividades físicas, como corridas ou andando de bicicleta, o evento chama a atenção por ser algo que foge da utilização usual daquele espaço, algumas das pessoas paravam para assistir, mas nenhum teve o interesse em participar dos jogos, mesmo com o convite por partes dos organizadores do evento. Há um respeito por quem está jogando, mas não há uma integração com esse público externo.

Durante a observação e vivência nas edições realizadas na Orla de Atalaia foi possível notar que o público passante era bem maior, por concentrar moradores da Grande Aracaju que aproveitam a região no final de semana como também a movimentação dos turistas. Como acontece também na Avenida 13 de Julho, o evento chama a atenção de todos os passantes, há uma concentração de pessoas que ficam esperando o transporte público em um ponto próximo e aproveitando para assistir os jogos, no espaço destinado a parada do ônibus foi notado também que alguns automóveis param para olhar o evento. Diferente da outra região de realização do

evento, na Orla de Atalaia há a participação de alguns passantes, às vezes por iniciativa própria e outros aceitando o convite da organização que é feito pelo microfone e falando também que o evento é aberto para todos.

O Gaymado Aju também acaba criando relação com os comércios próximos às quadras, por trazer um movimento maior para a região, não ocorrendo nenhum conflito com esses. Há relatos dos organizadores de pequenas atitudes de preconceito como frases homofóbicas por, mas algo sempre muito rápido e muitas vezes nem notado pelos participantes. Porém no geral a aceitação do público externo ao evento sempre foi de respeito e interesse.

A importância de um evento que surgiu para suprir a necessidade da comunidade LGBTQIA+ em estar no espaço público vivendo suas realidades, é notória quando percebemos a falta de iniciativas como essas. O surgimento de um evento causa um interesse do público LGBTQIA+ e assim a participação deles no evento. O Gaymado Aju assume um papel fundamental na vida social dos seus participantes, atraindo e sendo conhecido por várias pessoas de bairros diferentes da cidade de Aracaju, ver Mapa 07. Podemos perceber isso com base no questionário aplicado com a população LGBTQIA+ da cidade.

Imagem 66 – Público observando os jogos.
Fonte: Arquivos do Gaymado Aju, 2021.



Imagem 67 – Público observando os participante dançando.
Fonte: Arquivos do Gaymado Aju, 2021.



Imagem 68 – Público observando os jogos.
Fonte: Arquivos do Gaymado Aju, 2021.



Imagem 69 – Público observando os jogos.
Fonte: Arquivos do Gaymado Aju, 2021.

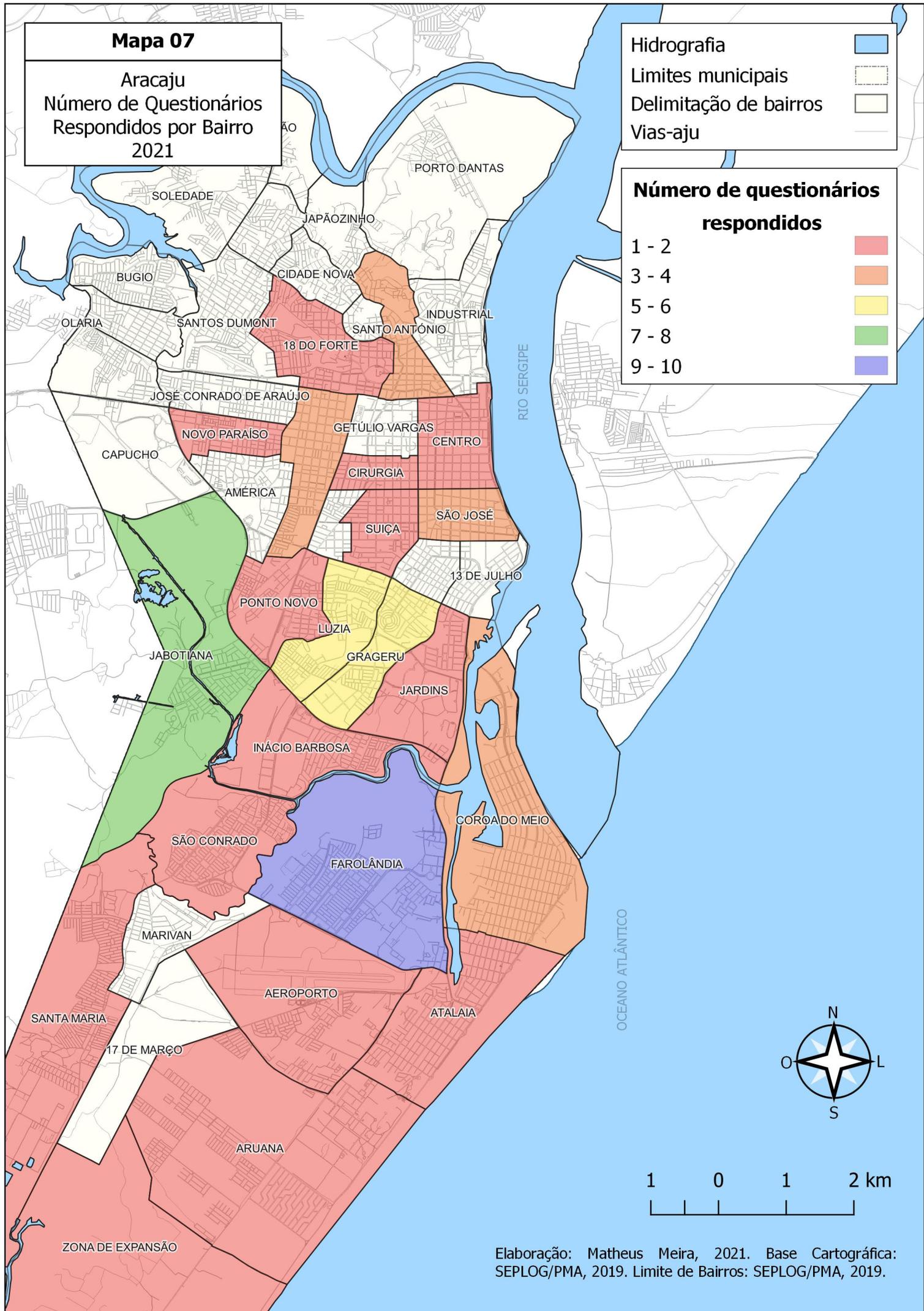
Mapa 07

Aracaju
Número de Questionários
Respondidos por Bairro
2021

Hidrografia
Limites municipais
Delimitação de bairros
Vias-aju

Número de questionários respondidos

1 - 2
3 - 4
5 - 6
7 - 8
9 - 10



1 0 1 2 km

Elaboração: Matheus Meira, 2021. Base Cartográfica: SEPLOG/PMA, 2019. Limite de Bairros: SEPLOG/PMA, 2019.

Mapa 08

Sergipe
Números de Questionários
Respondidos por Município
2021

Hidrografia

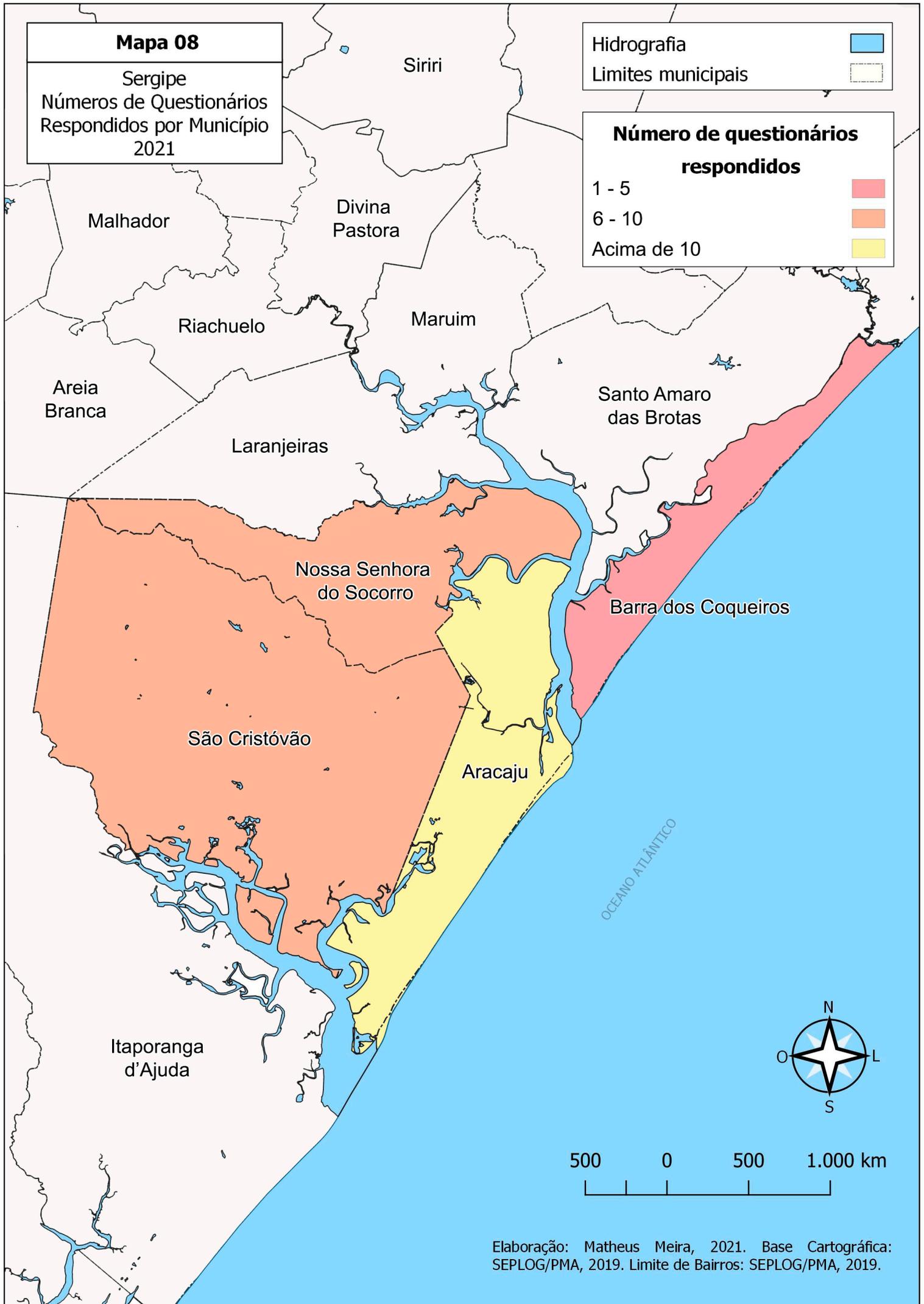
Limites municipais

Número de questionários respondidos

1 - 5

6 - 10

Acima de 10



OCEANO ATLÂNTICO



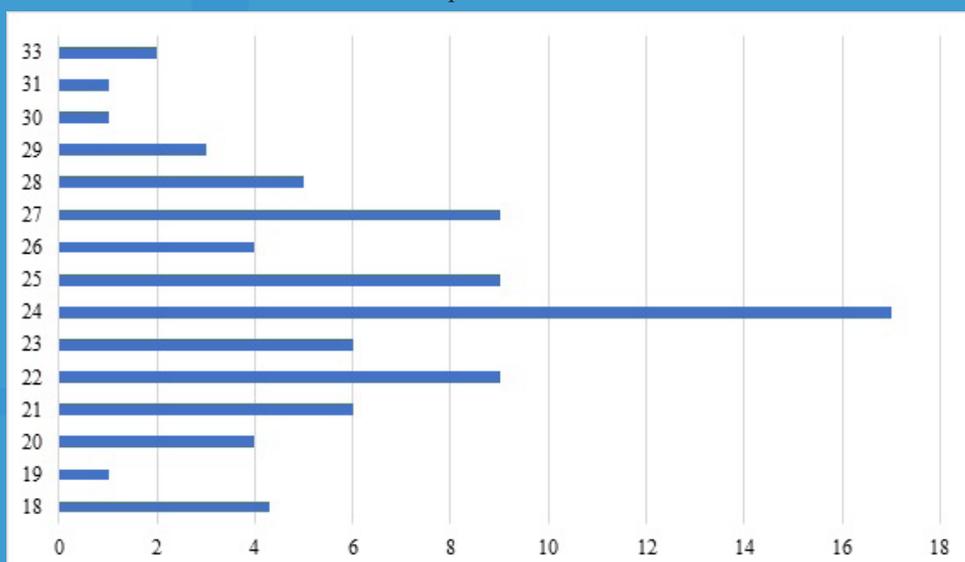
Elaboração: Matheus Meira, 2021. Base Cartográfica: SEPLOG/PMA, 2019. Limite de Bairros: SEPLOG/PMA, 2019.

O Gaymado Aju se tornou referência como um ponto de encontro para a população LGBTQIA+ para usufruir dos espaços públicos da cidade, em um momento de diversão, socialização e luta pelo direito à cidade. Como resultado das vivências no evento é perceptível com bases em conversas informais que há pessoas de outros municípios. O questionário vem reafirmar essa constatação. O evento além de atrair as pessoas da cidade de Aracaju também acaba recebendo pessoas dos municípios que fazem parte da Grande Aracaju, sendo eles: São Cristóvão, Nossa Senhora do Socorro e Barra dos Coqueiros, ver Mapa 08.

Percebemos assim que o Gaymado Aju se tornou uma referência importante na criação de um espaço de socialização que a população LGBTQIA+ não tinha acesso. Essa referência não tem só impacto na cidade de Aracaju, mas acaba rompendo os seus limites e tendo um alcance em municípios vizinhos. Tornando o Gaymado Aju um ponto chave na mudança da ocupação dos espaços públicos por essa minoria que sofreu com o apagamento das suas vivências. O evento passa a ser peça importante na luta dessa comunidade em busca do seu direito à cidade e reconhecimento.

Podemos notar diante das fotografias que o autor teve acesso e sua vivência é de que o público majoritário do evento são pessoas jovens. O questionário aplicado de forma online trouxe mais claramente esse dado, ver Gráfico 10, pois podemos perceber que a maioria dos participantes tem entre vinte e trinta anos de idade. O público jovem que tem essa força de ocupar e participar de novas ações voltadas para afirmação da comunidade LGBTQIA+ na vivência da cidade, assim como foi na Revolta de Stonewall e na primeira Marcha do Orgulho.

Gráfico 10 – Respostas sobre faixa etária .



Fonte: Resultado do Google Formulário feito pelo autor, 2021.

Durante a vivência do evento e a análise das fotografias e do resultado dos questioná-

rios, podemos constatar que o evento tem como público majoritário pessoas que se identificam como homens cisgêneros, em segundo lugar podemos notar a presença de mulheres cisgêneras e depois a participação de pessoas não binárias, ver Gráfico 11.

Com relação à orientação sexual, podemos perceber que mais de 60% das pessoas que responderam ao questionário se assumem como homossexuais, depois podemos perceber a presença de bissexuais, seguidos por assexuais, pansexuais e podemos perceber a presença do público heterossexual também, ver Gráfico 12.

Gráfico 11 – Identidade de gênero .

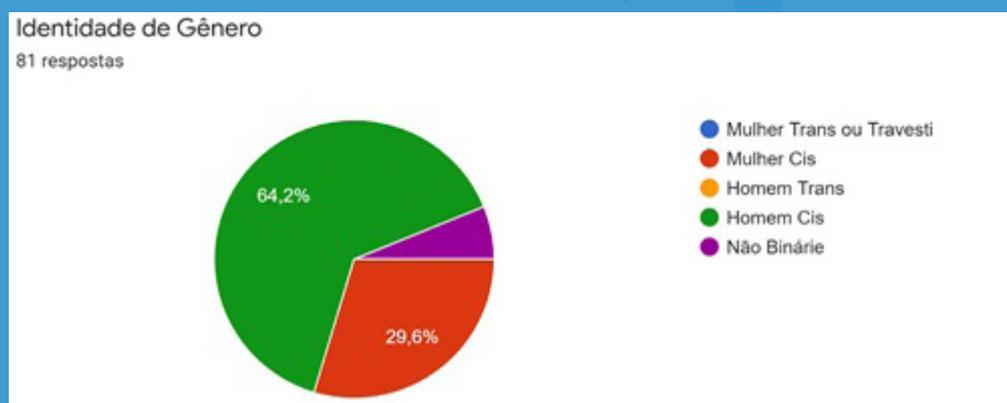
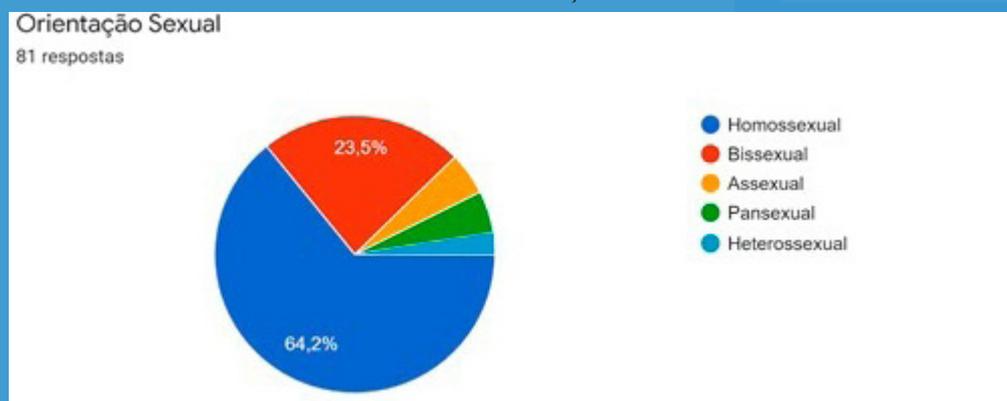


Gráfico 12 – Orientação sexual.



Fonte: Resultado do Google Formulário feito pelo autor, 2021.

Mesmo o evento sendo aberto e com foco principal na comunidade LGBTQIA+, ele também é aberto para todos que queiram participar, é perceptível a participação predominante de homens gays. Esse é um obstáculo que o Gaymado Aju ainda tem que ultrapassar, passar a reunir um público que demonstre toda a diversidade da comunidade.

Os frequentadores do evento utilizam roupas mais confortáveis para a prática esportiva e para dançar as músicas que tocam durante todo o evento em uma playlist feita pela organização do evento, mas também aberta a pedido dos participantes. Pode ser percebida também participantes com roupas de banho, já que alguns aproveitam a proximidade para tomar banho de mar. Essa escolha de roupas mais informais e confortáveis diverge das roupas utilizadas



Imagem 70 – Participantes jogando no Gaymado Aju.

Imagem 71 – Participantes jogando no Gaymado Aju.

Imagem 72 – Participantes jogando no Gaymado Aju.

Imagem 73 – Participantes esperando para jogar.

Fonte: Arquivos do Gaymado Aju, 2021.

na Parada do Orgulho, onde podemos perceber roupas mais chamativas e uma vestimenta mais casual. Podemos analisar assim que esse grupo tem uma escolha de vestimenta mais voltada para a prática esportiva e confortáveis para aproveitar o evento, bem como a região que ele se encontra, desviando das escolhas de roupas casuais presentes em outros eventos e festas.

A ocupação desses corpos no espaço público escolhido para o evento tem seus aspectos próprios. Existe a ocupação da quadra enquanto espaço para o jogo onde duas equipes, com cerca de dez a quinze integrantes em cada, utilizam a parte central para a prática esportiva.

Ainda no espaço da quadra há a ocupação da parte interna por participantes que querem ficar sentados e mais próximos para assistir os jogos e torcer por amigos, aproveitar mais perto o som para fazer as coreografias com outras pessoas enquanto os jogos acontecem e também essa utilização da parte lateral da quadra serve para quem ficou de fora esperar a outra partida para participar.

É possível notar ainda que a ocupação proposta pelo Gaymado Aju não se restringe ao espaço esportivo, mas também seu entorno. Durante o evento é clara a ocupação do entorno da quadra por pessoas que vão para aproveitar o evento como um ponto de encontro e socialização, e não apenas voltado para o jogo. Ainda é perceptível o uso das partes verdes do entorno, estendendo cangas de praia e utilizando o gramado e a sombra dos coqueiros para



Imagem 74 – Participantes no gramado da quadra.

Imagem 75 – Participantes no gramado da quadra.

Imagem 76 – Casal no gramado da quadra.

Imagem 77 – Participantes no gramado da quadra.

Fonte: Arquivos do Gaymado Aju, 2021.

procurar um local mais agradável para sentar, assistir aos jogos e conversar com os amigos ou pessoas próximas, vivendo livremente suas verdades.

Essa ocupação externa traz uma vivência que quem passa no local não está acostumado a ver, podemos perceber também as demonstrações de carinho entre amigos e casais, que normalmente não são pertencentes aos espaços públicos e abertos.

A ocupação também se dá dos equipamentos públicos da região como bancos que estão distribuídos pelo entorno da quadra como também das cadeiras e mesas dos quiosques que vendem água de coco e outros produtos. Resultando assim em uma apropriação de todo o espaço da região onde o evento é realizado.

Mesmo os participantes jogando, dançando e conversando, não podemos dizer que todos estão na mesma bolha de amizade. É evidente que praticamente todos os participantes fazem parte da população LGBTQIA+ e isso já cria um laço de aproximação, por preferências, sejam musicais, de assuntos, entre outros, como também de vivências e amizades que acabam se tornando um elo entre dois grupos, já que a capital sergipana não é tão grande e propicia que as pessoas acabam se conhecendo. Há grupos de amigos que vão ao evento juntos, mas nem todos ali se conhecem. As relações entre esses grupos distintos são feitas a partir dos jogos, das conversas enquanto esperam ou enquanto dançam. O Gaymado Aju acaba estimulando que uma rede de amizade e apoio surja a partir dessa vivência no espaço



Imagem 78 – Público ocupando a região da quadra.
 Fonte: Arquivos do Gaymado Aju, 2021.



Imagem 79 – Público utilizando banco na Orla de Atalaia.
 Fonte: Arquivos do Gaymado Aju, 2021.

público, surgindo novas amizades entre seus frequentadores.

O Gaymado Aju tem um grande potencial ao desenvolver uma iniciativa de ocupar os espaços públicos e esportivos da cidade, que antes eram negados a essa população, mudando o sentimento de pertencimento e significado da cidade e assim deixando esses espaços mais vivos e democráticos. Esse evento evoluiu de um evento informal para uma iniciativa conhecida pela população LGBTQIA+ e se tornando uma referência na tomada de espaços públicos e como ponto de encontro e socialização dessa população. Isso fica evidente no resultado do questionário, onde mais de 70% das pessoas que responderam conhecem o Gaymado Aju, mas apenas pouco mais de 40% já frequentaram alguma edição, ver Gráfico 13 e 14.

Saber que boa parte dos entrevistados conhecem o evento, mas ainda não participaram

Gráfico 13 – Se conhece o Gaymado Aju.

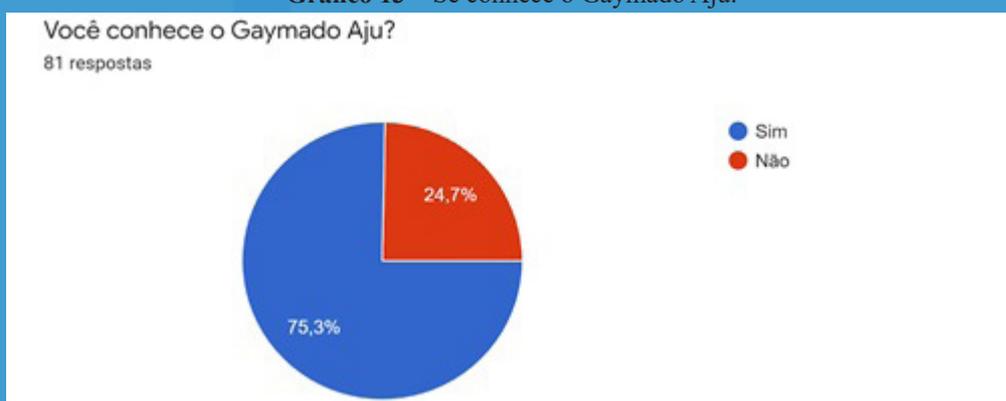
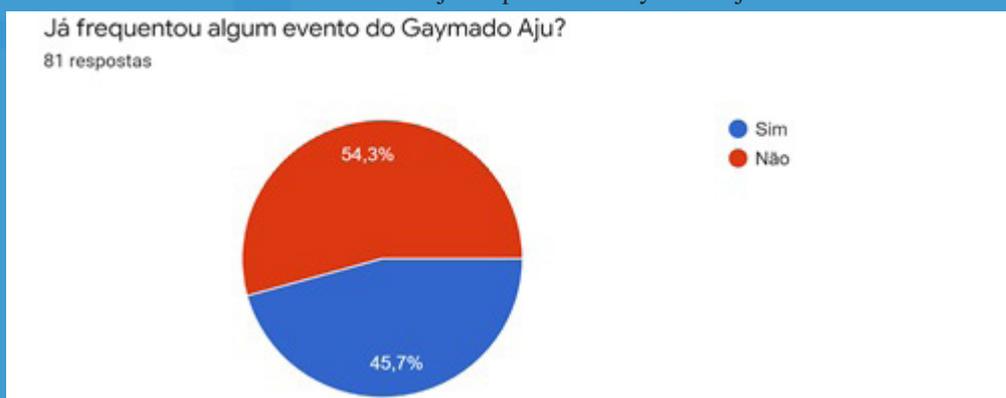


Gráfico 14 – Se já frequentou o Gaymado Aju.



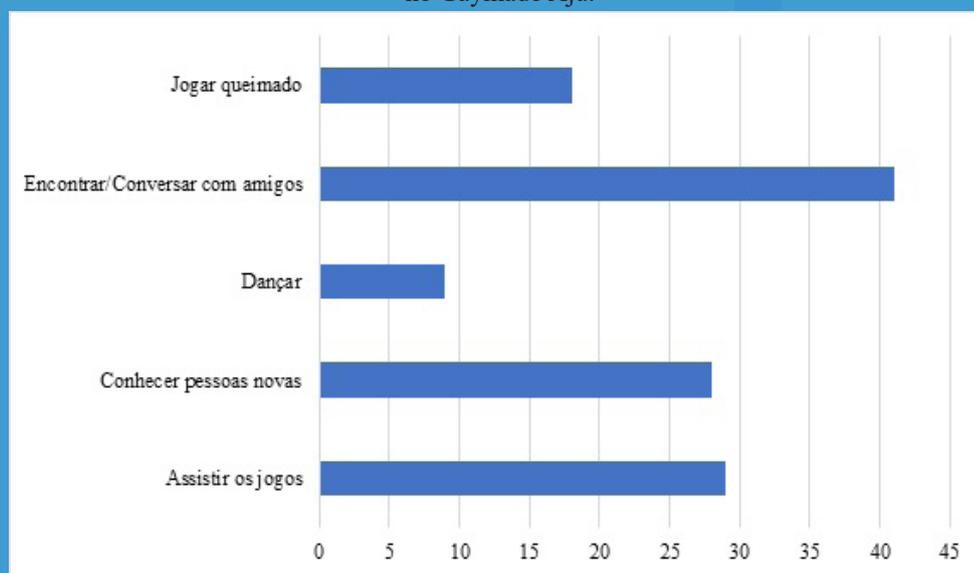
Fonte: Resultado do Google Formulário feito pelo autor, 2021.

dele valida o Gaymado Aju e o seu trabalho de democratizar o espaço público através de ocupações esportivas, abertas e diurnas, como uma iniciativa reconhecida pela comunidade. O evento conta com um público constante de mais de quarenta pessoas e onde ainda há um público que pode ser alcançado e levado a viver esses espaços urbanos mostra o potencial de crescimento do evento, como também o potencial de levar a outras pessoas fora do evento a discussão sobre estar no espaço público e como ele deve ser inclusivo e democrático.

“O uso que a comunidade gay deu (e ainda dá) a determinados espaços públicos desafia a heteronormatividade que governa o uso das cidades, uma vez que possui caráter transgressor ao ignorar as normas sociais.” (CORTÉS, 2008, p. 170)

O Gaymado Aju rompe a barreira de ser apenas um evento esportivo e voltado para a prática do queimado, ele se transforma de maneira orgânica em um ponto de referência na vivência da comunidade LGBTQIA+ no espaço público de Aracaju e isso pode ser observado no resultado do questionário onde as respostas sobre o que esses participantes mais gostam de fazer no espaço público, ver Gráfico 15.

Gráfico 15 – Atividades que gostam de realizar no Gaymado Aju.



Fonte: Resultado do Google Formulário feito pelo autor, 2021.

Colocando em evidência o evento como um local de encontrar e conversar com amigos, em segundo lugar a dinâmica de assistir aos jogos e como terceira atividade que mais gostam de fazer é conhecer pessoas novas. A prática do queimado só aparece em quarto lugar na escolha do que mais gostam de fazer no evento. Isso demonstra a necessidade que essa população tem de ter espaços de socialização e encontro onde possam viver plenamente as suas vidas e fazer parte da cidade. O Gaymado Aju surge para preencher essa lacuna e se transforma para além de

forma mais clara e informativa, essas informações eram trazidas a partir de pesquisas e conversas com pessoas que tinham domínio da temática. Outro quadro lançado foi o “#TBT”, hashtag muito utilizada para postar fotos antigas e que a pessoa quer recordar, assim o Gaymado Aju postava fotos de edições que já aconteceram para as pessoas se verem mais uma vez no evento e lembrar a todos e tentando amenizar a falta do evento presencial.

O terceiro quadro foi o “#Gaymado Indica”, esse quadro se baseava na indicação de filmes, séries, documentários e outras formas de entretenimento, que representassem a população LGBTQIA+ e que ao mesmo tempo tratassem da temática trabalhada. Na quarta semana era lançado um vídeo abordando os pontos importantes, nesse material pessoas que trabalham e tem base para tratar do assunto eram convidadas a mandar um vídeo, assim o Gaymado Aju abria suas redes para dar voz a essas pessoas e assuntos.

As temáticas trabalhadas durante esse trabalho virtual do evento foram o tema da prevenção de infecções sexualmente transmissíveis, a temática do Ballroom e a cultura do vogue, um cultura criada pela comunidade LGBTQIA+ nos anos de 1960, também o setembro amarelo, tratando sobre a saúde mental em todos os seus âmbitos, as eleições e o voto em pessoas que representem a comunidade, uma edição especial comemorando os três anos do evento e o último sobre a pandemia e a continuação dos cuidados.

O projeto foi bem aceito pelo público o que gerou um crescimento de seguidores no instagram, segundo os organizadores, mantendo a conexão com quem já participava e conseguindo ainda conquistar um público maior durante essa mudança de abordagem. Durante o questionário foi perguntado se esse trabalho virtual do Gaymado Aju foi relevante, mais de 50% dos que responderam disseram que esse trabalho foi importante para manter o vínculo com o evento, ver Gráfico 16.

Gráfico 16 – Trabalho virtual do Gaymado Aju.



Fonte: Resultado do Google Formulário feito pelo autor, 2021.

Durante esse período as redes sociais tomaram uma grande proporção na vida das pessoas, pois eram a única conexão que conseguiam manter com o mundo fora das suas casas.

Essas redes substituíram o espaço público, sendo palco para as relações sociais, culturais e de informação. A questão do espaço virtual é que mesmo sendo um espaço democrático onde todos podem acessar e divulgar o material que achar relevante, esse mesmo espaço anula o debate democrático sobre os assuntos, levando ao usuário a criar sua própria bolha.

Tudo isso pela capacidade que o usuário tem de escolher as informações que tem acesso, bem como bloquear o acesso a informações que ele não tenha interesse ou não concorda. Destruindo assim a base ideológica do espaço público físico, que é o de ser um espaço democrático e de aberto diálogo, permitindo que os diferentes agentes formadores do espaço possam utilizar dele com as suas especificidades, mostrando os conflitos da cidade e como ela é diversa.

Todo esse trabalho informativo e trazendo aspectos culturais da comunidade LGBTQIA+ juntamente com a conexão com os seguidores e participantes do Gaymado Aju presencial resultou na criação de um espaço virtual de resistência. Durante esse período as redes sociais se transformaram nesse novo espaço público e como é feito presencialmente, esse espaço também precisa da ocupação dessa comunidade apresentando as suas vivências, culturas e gerando assim um entretenimento.

A problemática desse espaço virtual está relacionada com o alcance dessas ações planejadas e lançadas para o público. O Gaymado Aju tem aproximadamente 1700 seguidores, mesmo sendo um número considerável, podemos perceber que é um público fechado, uma bolha virtual da comunidade LGBTQIA+. Podemos dizer que esse novo espaço público virtual se tornou um novo gueto, onde as ações são feitas pela comunidade e para a própria comunidade.

O potencial do espaço público fica claro nessa diferença com os espaços virtuais. Enquanto o espaço virtual anula a possibilidade de ocorrer debates democráticos por grupos sociais diferentes, o espaço público é rico em criar essas possibilidades. Esses espaços públicos podem ser ocupados por corpos que divergem e assim trazer vida aos espaços, mostrando a essência da cidade que é esse conflito sociais entre grupos diferentes, que podem utilizar os mesmos espaço para diferentes ações, gerando esse debate tão necessário para a construção de uma cidade mais justa e menos excludente. Dando espaço para que grupos sociais como a população LGBTQIA+ possa levantar suas pautas e assim podendo resultar em uma mudança na forma tradicional de fazer a cidade para um ser ideal.

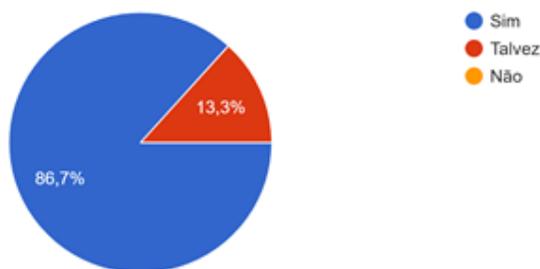
O mesmo vale para o Gaymado Aju que mesmo tendo uma atuação virtual presente e abraçada pela sua comunidade, precisa do espaço público físico para levantar seus debates e levar esses corpos desviantes do padrão para utilizar a cidade. O espaço virtual pode ser vivido, mas ele não pode ser habitado pelos corpos, o espaço público tem essa força de levar o corpo como um ato político de transformação. E esse poder de transformação dessas ocupações corpóreas na cidade também é vista com esse potencial pelas pessoas que conhecem o evento. No

questionário quando questionados se o trabalho do Gaymado Aju ocupando os espaços públicos ajudava na luta por um espaço mais democrático, mais de 85% acha que sim, esse trabalho ajuda nessa luta, ver Gráfico 17.

Gráfico 17 – Gaymado Aju na luta por um espaço democrático.

Acha que o trabalho do Gaymado Aju em utilizar espaços da cidade ajuda na luta por um espaço mais igualitário e seguro?

75 respostas



Fonte: Resultado do Google Formulário feito pelo autor, 2021.

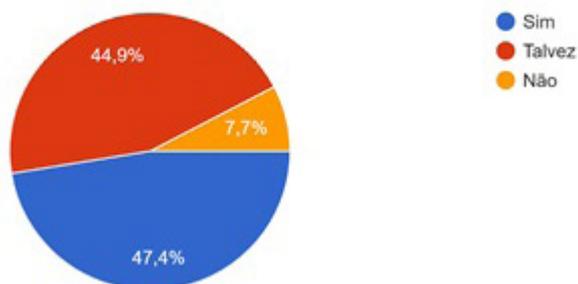
Percebemos que o Gaymado Aju quando realizado presencialmente tem o poder de criar esse espaço político de transformação urbana, trazendo o surgimento de um espaço de sociabilização e de diversão para a comunidade LGBTQIA+, mas também há um trabalho que envolve o seu entorno e o público passante. Enquanto no virtual o evento não consegue alcançar um público diferente do seu, no espaço físico o evento tem a força de atingir públicos diferentes e assim causar um impacto social muito maior.

Existe a necessidade desses corpos, que foram historicamente apagados da vida pública, serem vistos tomando esses espaços, como foi na Revolta de Stonewall e na primeira Marcha, bem como durante a realização da Parada do Orgulho, onde ser visto se tornou mais eficaz do que se esconder nos espaços privados e noturnos.

Gráfico 18 – Retorno do Gaymado Aju.

Quando o Gaymado Aju retornar às atividades presenciais você irá participar?

78 respostas



Fonte: Resultado do Google Formulário feito pelo autor, 2021.

O retorno do Gaymado Aju se faz necessário, em especial para para a comunidade LGBTQIA+ e sua volta aos espaços públicos da cidade, destruindo a fachada de cidade ideal e sem

conflitos, e dando ao seu público esse espaço de convivência dentro da cidade e tão necessário, principalmente após esse tempo longe dos espaços públicos da capital sergipana. Mais de 40% das pessoas que responderam o questionaram afirmaram que vão retornar ao evento quando ele voltar às suas atividades presenciais, ver Gráfico 18, e mais de 40% respondeu que talvez volte. Tendo menos de 7% das respostas computadas como não irão participar, fica nítida a vontade da população em voltar a frequentar o evento e conseqüentemente os espaços públicos da cidade, retornando assim ao seu ciclo de apoio e amizades.

“Um dos aspectos mais específicos da comunidade gay na cidade ocidental consiste em como esse grupo ocupou diversos lugares (dotando-os de um “novo” significado) para tomar posse deles (...)” (CORTÉS,2008, p. 34)

5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como definido por Lefebvre (2001), a cidade é um “campo de batalha” pois é onde podemos ver os contrastes urbanos que constituem a cidade, a diversidade dos seus agentes, e tornando assim palco para o inesperado, para as vivências inquietas da sociedade. O espaço público é construído diariamente pelas pessoas, e esse uso que é dado aos espaços planejados da cidade, essa utilização e os significados dados a esses espaços são o que legitimam o projeto.

O planejamento e organização da cidade é pensado para ter como resultado uma cidade sem conflitos, uma cidade pacífica, restringindo assim o poder social dos espaços públicos e dos seus agentes. Esses espaços passivos, sem conflitos, são gerados a partir de um espaço público cada vez mais controlado e que resulta em um espaço público cada vez menos público. Essa passividade é o que resulta na espetacularização das cidades, quando seus espaços urbanos se tornam apenas cenários, sem corpo e sem vida.

Tendo em vista que a cidade vem sendo projetada para um ser universal, um modelo tomado como padrão no planejamento urbano e que tem como características ser um homem, branco, heterossexual, com boas condições financeiras e físicas, parece existir apenas um corpo e uma sexualidade, que tenta assim se passar como único. Assim o espaço público perde a ideia de ser democrático e passa a atender as demandas da sociedade dominante.

Os espaços que se configuram com as bases desse planejamento resultam na criação de um entorno intimidador para a parcela da sociedade que não se enquadra nesse padrão estabelecido. Gerando então um empobrecimento da participação cidadã e uma vivência corpórea nos espaços públicos, isso faz com que os espaços da cidade se tornem segregadores e que atinge as classes sociais minoritárias como a população LGBTQIA+.

Historicamente a sociedade foi construída seguindo uma lógica dominante, através de um padrão de gênero, cor, classe e sexualidade, que oprime aqueles que não se enquadram nesse padrão. Assim a cidade se organizou através de um incentivo ao apagamento das divergências a heteronormatividade e binaridade, de modo que a comunidade LGBTQIA+ foi levada a ocupar espaços privados, fechados e noturnos, seus guetos.

A Revolta de Stonewall e as Paradas do Orgulho LGBTQIA+ são exemplos práticos que tentam romper com essa configuração de cidade excludente. O uso que esses eventos trouxeram para o espaço público foi revolucionário, mudando a forma da população LGBTQIA+ se perceber na cidade e como construtor dessa mesma cidade, já que essas presenças na cidade são um elemento fundamental da construção de uma sociedade onde a diversidade seja uma qualidade. Sair dos espaços privados e noturnos, foi uma forma de tentar fazer um contraponto a realidade de exclusão social e fortalecer a luta pelo direito de viver a cidade.

Mesmo diante de mudanças constantes na lógica urbana, a importância dos espaços públicos para a qualidade de vida é uma base essencial para a diversidade das cidades, se cons-

tituem como um espaço de trocas, convivência e encontros sendo vitais para o bem-estar no ambiente urbano, já que é na rua que a vida acontece.

Essas apropriações dos espaços públicos nos fazem refletir sobre a importância das intervenções na cidade, já que a ocupação desses espaços e a vivência desses corpos desviantes do padrão nos levam a pensar a relação do urbano e do corpo cidadão, aquele que pratica a cidade. A tomada desses espaços públicos resulta em um urbanismo incorporado e contra essa cidade cenário, se transformando em espaços de resistência, resistência essa que são as experiências corporais no meio urbano e potencializando o uso democrático dos espaços públicos.

Trazer esses corpos de resistência para a vida urbana, que pelo simples fato de se fazer existir dentro do espaço urbano, que historicamente foi negado, transforma a lógica da cidade pacífica. Essa apropriação dos espaços da cidade vem como uma busca por um direito à cidade, em contraponto à exclusão e invisibilidade sofrida por esse grupo, que é afastado da vida pública. Há então uma inserção dessa população no meio urbano favorecendo a construção de uma sociedade e um espaço menos desigual, mais vivo e democrático.

É essencial reconhecer que a forma como as cidades são construídas não é neutra. Ela afetará as pessoas de forma diferente se as necessidades heterogêneas da população não forem levadas em consideração. Portanto, pensar o espaço urbano para todos é construir a partir da diferença, mas não da desigualdade, posicionar todas as demandas em igualdade de condições, sem decisões prioritárias.

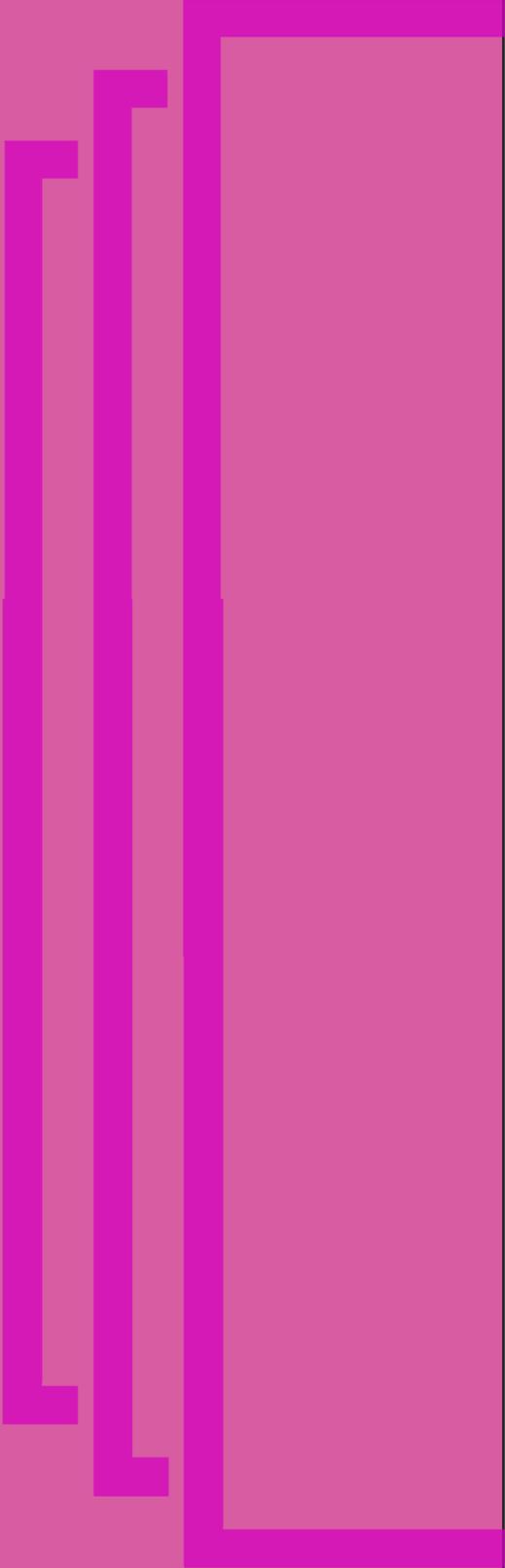
Assim é preciso um conceito urbanístico que considere o contexto sociocultural e a participação da população marginalizada e excluída socialmente. Para que todas as realidades sejam observadas e que não existam corpos ausentes na cidade e que comecemos a falar das diversas cidades que existem em cada uma, com suas diferenças sociais, culturais, sexuais e raciais. É importante dar visibilidade para essas pessoas e entender o espaço público como uma oportunidade de criar um urbanismo mais democrático.

É pensar um planejamento que tenha atenção aos detalhes da complexidade e diversidade urbana, sem dar prioridade para determinados segmentos, assim cidades e bairros que não perpetuem a desigualdade de gênero, classes, orientação sexual e outras diferenças. O objetivo do planejamento urbano é poder utilizar de cidades inclusivas que tenham como base a diversidade que caracteriza o espaço urbano.

“que seria a de pensar um ambiente urbano não-sexista e não-específico de um gênero, a de apostar em uma cidade que não suprima as diferenças nem negue o outro, mas seja o produto da confluência das diferentes alteridades não assimiladas.” (CORTÉS,2008, p. 34)

Percebemos então que o Gaymado Aju se apropriou do espaço público como forma de resistência e afirmação do direito à cidade, promovendo também um impacto significativo na

criação de um espaço de apoio para a comunidade LGBTQIA+ da cidade de Aracaju. Afirmando assim a identidade de um conjunto de pessoas que tiveram suas vivências apagadas e que nos últimos anos encontraram uma forma de resistência dentro do urbano, dando esses espaços públicos de significados, na forma política e social. Apresentando uma nova forma de manifestação e ocupação, um ato que se entrelaça com o cotidiano dos espaços públicos e assim se torna parte dele, uma forma alegre e divertida de ocupação.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLENCAR, Paulo. **Entenda a diferença entre sexo biológico, identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual.** Disponível em: <<https://psicologopauloalencar.com.br/entenda-a-diferenca-entre-sexo-biologicoidentidade-de-genero-expressao-de-genero-e-orientacao-sexual/>>. Acesso em 20 de janeiro de 2021.

ANJOS, Gabriele dos. **Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências.** Sociologias, ano 2, nº 4, p.274-305. Porto Alegre, 2000.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: A experiência vivida.** 2ª Edição. Difusão Europeia do Livro.

BERENSTEIN, Paola. **Corpografias Urbanas.** Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>. Acesso em 11 de setembro de 2021.

BUTLER, Judith. **Judith Butler e a teoria Queer.** 1ª edição, 3ª reimpressão. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2015.

CORTÉS, José Miguel. **Políticas do espaço: Arquitetura, gênero e controle social.** São Paulo: Senac, 2008.

DELGADO, Manuel. **Barcelona: O mito do espaço.** Goethe-Institut. Humboldt, 1995.

DELGADO, Manuel. **La ciudad mentirosa: Fraude y miséria del “modelo Barcelona”.** Catarata, 2017.

DULCE, Emilly. **LGBTfobia veio de caravela: colonização sobre os corpos indígenas.** Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/especiais/lgbtfobia-veio-de-caravela-colonizacao-sobre-os-corpos-indigenas>>. Acesso em 20 de janeiro de 2021.

GOMES, José Cleudo; ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares. **A trajetória do movimento social pelo reconhecimento da cidadania LGBT.** #Tear: Revista Educação, Ciência e Tecnologia. Canoas, v.8, n.1, 2019.

GOMES, Matheus. **O que significa a sigla LGBTQ+ e quais são as outras siglas utilizadas.** Disponível em: <<https://medium.com/@pinkads/o-que-significa-a-sigla-lgbtq-e-quais-s%C3%A3o-as-outras-siglas-utilizadas-e3db6ec5181f>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2021.

GRENN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa. **História do movimento LGBT no Brasil.** 1ª edição. São Paulo: Alameda, 2018.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: Do direito à cidade à revolução urbana.** Tradução Jefferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2014.

IGLA. Disponível em: <<https://ilga.org/maps-sexual-orientation-laws> 24/01/2021> Acesso em 22 de janeiro 2021.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade.** 5ª edição. São Paulo: Centauro, 2001.

MARTÍNEZ, Zaida Muxí. **Ciudad próxima. Urbanismo sin género.** 2006. Revista Ingeniería y Territorio nº 75, Barcelona.

MARTINS, Matheus de Oliveira; FERNANDES FILHO, Francisco Nilton Vieira; BARROS, Amélia de Farias Panet. **Territorialidade e sociabilidade LGBT na cidade de João Pessoa: uma análise sobre o direito à cidade.** Arquitetura e cidade, Curitiba, outubro de 2019.

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ MARTINEZ, Zaida. **Arquitetura e política. Ensaio para mundos alternativos.** 1ª, São Paulo, Gustavo Gili, 2014.

MOUFFE, Chantal. **Artistic Activism and Agonistic Spaces.** Art & Research, A journal of ideas, contexts and methods. Volume 1, Nº 2. 2007.

NETO, Geraldo Moraes Motta. **Acolher, Assistir e Lutar: Uma iniciação do pensar um abrigo LGBTQIA+.** 2019. 90f. Monografia (graduação) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Tiradentes, Aracaju.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de. **Desejo, preconceito e morte: Assassinatos de LGBT em Sergipe – 1980 a 2010.** 2012. 251f. Tese (doutorado) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2019: Relatório do Grupo Gay da Bahia.** 1ª Edição. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020.

PAIVA, Victor. **Série de fotos histórica mostra as primeiras paradas LGBT dos EUA na década de 70.** Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2016/06/serie-de-fotos-historica-mostra-as-primeiras-paradas-lgbt-dos-eua-na-decada-de-70/>>. Acesso em 19 de janeiro de 2021.

SANTOS, Lauane. **Orgulho LGBTQI+: conheça o significado de cada letra e a luta por respeito à diversidade.** Disponível em: <<https://cidadaniaejustica.to.gov.br/noticia/2020/6/18/orgulho-lgbtqi-conheca-o-significado-de-cada-letra-e-a-luta-por-respeito-a-diversidade/>>. Acesso em 20 de janeiro de 2021.

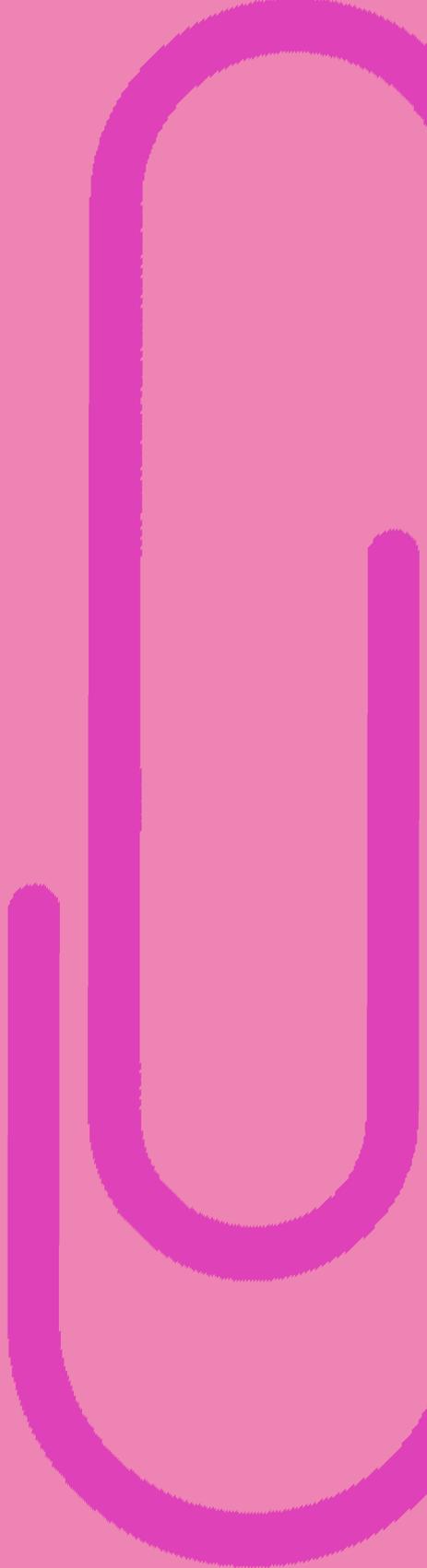
SILVA, Alessandro Soares da. **Marchando pelo Arco-íris da Política: A Parada Do Orgulho LGBT na Construção da Consciência Coletiva dos Movimentos LGBT no Brasil, Espanha e Portugal.** 2006. 636f. Tese (doutorado) – Departamento de Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Aracaju.

SOUZA, Bruno Barbosa de; MEGLHIORATTI, Fernanda Aparecida. **Identidade de gênero e identidade afetivo-sexual.** V simpósio internacional em educação sexual. Abril, 2017.

STONEWALL UPRISING. Direção de Kate Davis e David Heilbroner. Produção de Kate Davis, David Heilbroner e Mark Samels. Estados Unidos da América, First Run Features, 2010. Youtube (82min.). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=cxSBW79yxjQ>>. Acesso em: 23 de novembro de 2020.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade.** 4ª edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VIEIRA, Paulo Jorge. **Do “bairro” e para além do “bairro”: Heterotopias e constelações lésbicas e gays em espaço urbano.** Seminário Geografias de Inclusão: desafios e oportunidades. Lisboa, dez. 2010. p. 104-117.



ANEXO

Relação da População LGBTQIA+ com a Cidade

Esse questionário é base para um estudo dessa relação, como utilizam e sentem-se no espaço urbano, e como iniciativas como o Gaymado Aju ajudam na apropriação desses espaços urbanos, dando para eles novos significados, diante de uma cidade excludente com essa população.

***Obrigatório**

1. Idade: *

2. Cidade e Bairro onde mora: *

3. Identidade de Gênero *

Marcar apenas uma oval.

Mulher Trans ou Travesti

Mulher Cis

Homem Trans

Homem Cis

Não Binária

Outro: _____

4. Orientação Sexual

Marcar apenas uma oval.

Homossexual

Bissexual

Assexual

Pansexual

Outro: _____

5. Se você mora em Aracaju, quais os espaços públicos que utiliza? *

6. Em quais desses espaços você sente-se seguro de ser você mesmo? *

7. Quais os espaços que você sente mais exclusão? *

8. Você sente que a cidade foi feita para ser inclusiva para todes que utilizam dela? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

9. Você acha que a cidade é excludente com a população LGBTQIA+? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

10. Já sofreu algum tipo de discriminação por Identidade de gênero e/ou Orientação sexual nos espaços públicos de Aracaju? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

11. Você frequenta espaços privados voltados para a população LGBTQIA+? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

12. Sente-se mais seguro nesses espaços em comparação aos espaços públicos da cidade? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

13. Você conhece o Gaymado Aju? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

14. Já frequentou algum evento do Gaymado Aju? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

15. Se sim, o que mais te atrai no evento e o que gosta de fazer nele?

Marque todas que se aplicam.

Jogar Queimado

Dançar

Assistir os jogos

Local para encontrar e conversar com amigos

Conhecer pessoas novas

Outro: _____

16. Acha que o trabalho do Gaymado Aju em utilizar espaços da cidade ajuda na luta por um espaço mais igualitário e seguro?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Talvez
 Não

17. Acha que eventos LGBTQIA+ que utilizam espaços públicos ajudam na autoafirmação como comunidade e como pessoa dentro da cidade?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Talvez
 Não

18. Antes do Gaymado Aju utilizar as quadras da Orla de Atalaia e Av. 13 de Julho você sentia um sentimento de pertencimento desses espaços?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

19. Depois do evento essa relação com esses espaços foi alterada?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

20. Você acompanhou o trabalho virtual do Gaymado Aju durante a pandemia?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

21. Esse trabalho virtual foi relevante e ajudou a manter a conexão dos usuários com o evento?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Talvez

Não

22. Quando o Gaymado Aju retornar às atividades presenciais você irá participar?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Talvez

Não

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários